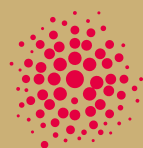




anos
pensando o futuro



Fórum Desenvolve Londrina

PATROCINADORES



Apoiadores





PATROCINADORES



20 ANOS PENSANDO O FUTURO

A construção de uma agenda positiva para o futuro de Londrina, com foco no centenário da cidade, tem sido a missão constante do Fórum Permanente de Planejamento Estratégico para o Desenvolvimento Sustentável de Londrina – o Fórum Desenvolve Londrina – ao longo de seus 20 anos de atividades.

Vislumbrar uma cidade plena em 2034 levou lideranças e entidades de diversos segmentos a se unirem para ajudar a criar a Londrina com a qual sonhamos. Essa ideia tomou corpo, e, em duas décadas, percorremos um longo caminho em busca de uma identidade inovadora, apoiando-nos em indicadores, nas vocações naturais da cidade e em temas estruturantes, capazes de mobilizar lideranças e diferentes setores da sociedade.

Nesses 20 anos de existência, o Fórum Desenvolve Londrina tem exercido papel fundamental como influenciador em várias decisões tomadas no município pelo poder público e em reivindicações da sociedade civil organizada. Nossos produtos criados, como manual de indicadores, cadernos de estudo, pesquisas de percepção, têm contribuído para fundamentar as transformações.

Ainda temos muito a percorrer. O *Masterplan*, um resultado expressivo de nossos estudos, está aí para ser apoiado e implantado. Sabemos que somente com a participação ativa da sociedade civil e o engajamento dos gestores municipais e estaduais alcançaremos resultados duradouros e deixaremos um legado às futuras gerações.

Estar na presidência do Fórum Desenvolve Londrina neste ano em que a entidade completa 20 anos, e fazer parte de seu quadro de membros, é motivo de grande honra. Registro meu profundo agradecimento a todos que contribuíram e continuam contribuindo para que alcancemos, juntos, nossa agenda positiva para 2034.



Angelo Pamplona

Presidente do Fórum Desenvolve Londrina
Biênio 2025/2027

O EMPREENDEDORISMO CÍVICO QUE CONSTRÓI O FUTURO

A iniciativa de criar o Fórum Desenvolve Londrina nasceu do desejo coletivo de pensar o futuro da cidade com responsabilidade, participação e visão estratégica e desde o seu início, em 2005, o Fórum consolidou-se como espaço legítimo de construção colaborativa, unindo instituições, poder público, universidades, setor empresarial e toda sociedade civil em torno de um propósito comum: preparar Londrina para os desafios e oportunidades das próximas décadas.

A visão de futuro construída já no primeiro ano de trabalho apontou para o ano de 2034 — marco simbólico em que Londrina completará 100 anos. Essa visão não foi apenas um exercício de imaginação, mas uma convocação à ação: transformar Londrina em uma cidade humana, segura, saudável, tecnologicamente avançada, conectada regional e globalmente, e com uma economia diversificada e equilibrada. Mais que projetar uma meta, a cidade assumiu um compromisso de longo prazo consigo mesma, orientado por escolhas e pela corresponsabilidade de todos os seus atores.

A missão do Fórum, expressa em suas ações permanentes, traduz-se em três grandes eixos: os indicadores, que permitem acompanhar o presente e corrigir rotas; os estudos, que aprofundam temas estratégicos para compreender e antecipar tendências; e o Fórum em Debate, que abre espaço para o diálogo público e fortalece a participação cidadã. Esses pilares promovem e reforçam o capital social da cidade, estimulam o empreendedorismo cívico e consolidam Londrina como referência nacional em governança participativa.

Mais que uma entidade é um movimento, um movimento vivo, plural e dinâmico, que não se limita ao hoje, mas que se dedica a pensar constantemente

no futuro. Sua força está em compreender que os grandes avanços de uma comunidade só se constroem quando todos são chamados a contribuir, e que a prosperidade coletiva exige planejamento, engajamento e continuidade.

O economista José Monir Nasser, dizia que o empreendedorismo cívico é uma força criadora que transforma cidadãos em protagonistas do destino coletivo, que agem movidos por propósito público, que enxergam nas necessidades da comunidade uma oportunidade de servir e de inovar.

Por isso, a gestão por indicadores, a produção de estudos e a mobilização da sociedade não são apenas instrumentos técnicos: são estratégias de cidadania. São mecanismos que permitem a Londrina discutir agora os temas que irão definir seu futuro, antecipando-se a desafios e construindo soluções de maneira integrada. É esse olhar prospectivo que diferencia o Fórum e lhe dá relevância permanente.

O Sebrae/PR orgulha-se de caminhar lado a lado com o Fórum Desenvolve Londrina desde sua origem, porque reconhece nesta iniciativa um modelo exemplar de articulação social, capaz de inspirar outras cidades do Brasil. Apoiar o Fórum é investir em inovação, em competitividade sustentável, em qualidade de vida e, sobretudo, em uma cultura de cooperação que fortalece o tecido social.

Que esta jornada continue a mobilizar novas gerações, a renovar compromissos e a transformar a esperança em resultados concretos. Londrina chegará ao seu centenário com um legado de conquistas, mas, acima de tudo, com a certeza de que possui um movimento articulado, vigilante e inspirador, capaz de guiá-la rumo a um futuro ainda mais próspero e humano.

SEBRAE/PR

SUMÁRIO

- 8 A união que aproximou e redesenhou o futuro
- 10 Cultura empreendedora já impacta comportamento dos estudantes na escola
- 14 Engenharias crescem, mas mercado não absorve mão de obra
- 18 Desde os primórdios, a preocupação com o ambiente de negócios
- 22 Revitalização do centro: um desafio constante
- 26 Integração dos efetivos, participação comunitária e tecnologia: fórmula melhora sensação de segurança
- 30 Londrina acelera e vira referência nacional em inovação
- 34 Após ampliação e encaminhamento do ILS, mobilização deve mirar nova pista de táxi no aeroporto
- 38 Economia criativa ganha espaço em Londrina
- 42 Grandes obras viárias devem sustentar demanda por novas áreas industriais
- 46 MasterPlan 2040 já entrega resultados



NOSSA MISSÃO

“Promover o desenvolvimento de Londrina através de planejamento estratégico, integrado e participativo, estimulando o envolvimento da sociedade civil na busca de soluções para os problemas comunitários e para a melhoria da qualidade de vida”.



NOSSA VISÃO

“Londrina 2034: uma comunidade ativa e articulada, construindo uma cidade humana, segura e saudável, tecnologicamente avançada, integrada com a região Norte do Paraná e globalmente conectada, com uma economia diversificada e dinâmica promovendo o equilíbrio social, cultural e ambiental”.

EXPEDIENTE

20 Anos Fórum Desenvolve Londrina é uma revista comemorativa dos 20 anos da entidade celebrados em novembro de 2025. Com o título de Utilidade Pública, o Fórum Desenvolve Londrina foi criado para pensar o futuro de Londrina, rumo aos 100 anos. A entidade foi reconhecida com a Medalha Ouro Verde, honraria conferida a instituições se destacam por atividades relevantes em prol do desenvolvimento da cidade.

Textos: Lucio Flávio Moura e Nelson Bortolin | **Edição:** Cláudia Romariz

Fotografia: Ricardo Maia | **Diagramação:** SPB Comunicação

Impressão Gráfica: Midiograf | **Tiragem:** 2 mil exemplares

A UNIÃO QUE APROXIMOU E REDESENHO O FUTURO

Criado em meio a uma Londrina em busca de novos rumos, o Fórum completa 20 anos como ponto de encontro de empresários, profissionais e acadêmicos em torno de uma visão de futuro

No início dos anos 2000, Londrina ainda tentava se reencontrar. A geada de 1975 havia levado o título de “capital mundial do café”, e a cidade buscava uma nova vocação. Foi nesse cenário que nasceu o Fórum Desenvolve Londrina, um movimento que juntou entidades e lideranças locais em torno de um projeto de longo prazo para o município.

“Naquele momento, rodávamos em círculos. Londrina estava sem rumo”, lembra o agrônomo Florindo Dalberto, ex-presidente do Iapar e integrante da Associação dos Engenheiros Agrônomos. “Antigamente, para as coisas acontecerem, bastava falar com três ou quatro líderes. Essa fase dos pioneiros passou, e a cidade ficou órfã de articulação.”

O empresário Cláudio Tedeschi, que já presidiu tanto a Acil quanto o próprio Fórum, recorda que o embrião foi o grupo Avança Londrina, que contava com a participação de intelectuais como José Monir Nasser, Fernando Dolabela e Augusto de Franco. Nivaldo Benvenho, também ex-presidente da Acil, completa: “Cada entidade estava no seu canto. Com o Avança Londrina, começou um namoro entre todos, formando uma rede. Dali saiu o Fórum.”

“Naquele momento, rodávamos em círculos. **Londrina estava sem rumo.** Florindo Dalberto”

Um olhar de futuro

Logo nos primeiros passos, o grupo buscou referências fora do Brasil. “Visitamos Jacksonville, nos Estados Unidos, e Bilbao, na Espanha. A ideia era deixar de pensar em projetos de governo, que acabam junto com a gestão, e começar a construir projetos de Estado”, explica Tedeschi.

Daí surgiu a prática que se mantém até hoje: um estudo anual, sempre baseado em indicadores de desenvolvimento. “É a metodologia de Jacksonville”, lembra Benvenho. “A gente escolhe um tema, aprofunda, debate e propõe soluções, sempre olhando para Londrina em 2034, ano do centenário da cidade.”

“Cada entidade estava no seu canto. Com o Avança Londrina, começou um namoro entre todos, formando uma rede. **Dali saiu o Fórum.** Cláudio Tedeschi”

Embora o Fórum reúna, em sua maioria, empresários e profissionais liberais, nunca se furtou a debater temas espinhosos. Em 2006, por exemplo, o estudo foi sobre menores em conflito com a lei.

“Em 20 anos nunca foi preciso fazer votação. Sempre houve consenso na escolha dos temas”, diz Benvenho. “Tudo tem a ver com o desenvolvimento. Um centro histórico abandonado, por exemplo, impacta diretamente na violência. Não dá para separar as coisas.”



Florindo Dalberto, Nivaldo Benvenho e Claudio Tedeschi

Nada de política partidária

Segundo Tedeschi, o segredo da longevidade do Fórum é manter o debate sem paixões políticas. “Não se permite política partidária. Quem entra em campanha precisa se afastar. Isso garantiu credibilidade nesses 20 anos.”

O Fórum nunca teve caráter executivo, mas suas ideias geraram frutos. “No segundo estudo, sobre desenvolvimento empresarial, criamos o Núcleo de Desenvolvimento Empresarial, que segue ativo até hoje e foi responsável, por exemplo, por impulsionar a necessidade de um Masterplan”, lembra Benvenho.

Esse planejamento estratégico é apontado por Tedeschi como essencial para manter as lideranças unidas. “O Masterplan lista quase 100 projetos prioritários. A ideia é alinhar o tema do Fórum ao que está no plano, garantindo governança.”

Para Benvenho, o maior legado do Fórum é a cultura do empreendedorismo cívico, inspirada em José Monir Nasser. “Ele dizia: uma sociedade não pode ficar rica antes de ficar inteligente. O Fórum ajudou a formar lideranças que pensam no coletivo, não só em si mesmas.”

Olhar para o macro

As lideranças também deixam recados às novas gerações. “As entidades têm poder. Elas precisam exercer esse poder olhando o macro, não só a operação”, avalia Tedeschi. Benvenho completa: “O Fórum é o espaço que supera o olhar corporativista. Não é a visão do empresário ou do educador isolado, mas do cidadão que vive a cidade.”

Dalberto reforça: “Já ouvi empresário brilhante reclamar que o Fórum era devagar demais. Mas isso era porque ele olhava somente para o seu próprio negócio. O exercício aqui é pensar Londrina como um todo.”

Duas décadas depois, os fundadores reconhecem que o movimento está se renovando. “As lideranças vão se substituindo, é natural. Mas sempre é preciso relembrar as origens”, diz Benvenho. Ele mesmo ajudou a reeditar o livro Economia do Mais, de Monir Nasser, e pretende entregar cópias às entidades, contribuindo com o fortalecimento dessa essência. “O Fórum mostrou que, quando Londrina se une, tem força para redesenhar o seu futuro.”

“O Fórum ajudou a formar **lideranças que pensam no coletivo**, não só em si mesmas. Nivaldo Benvenho”

CULTURA EMPREENDEDORA JÁ IMPACTA COMPORTAMENTO DOS ESTUDANTES NA ESCOLA

Bandeira histórica do Fórum Desenvolve Londrina, a disseminação da cultura do empreendedorismo no ambiente escolar sempre figurou como um dos eixos estruturantes para um avanço sustentável da economia e da sociedade.

Com apoio direto do escritório regional do Sebrae Paraná, a sociedade civil organizada conseguiu transformar Londrina em referência no tema após uma década de atuação na rede municipal. A educadora e consultora Luzimar dos Santos Ribeiro Mazetto, assessora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, coordenou o projeto com os pequeninos desde sua fase inicial, com alunos da educação infantil e do ensino fundamental dos primeiros anos.

“Foram muitas atividades em sala de aula e outras atividades envolvendo a comunidade. Me lembro que uma equipe de professores foi formada para ser um núcleo facilitador que repassava a metodologia para toda a rede. Havia um programa Acreditando, que era exibido na TV Tarobá, que registrava estas

“Quando a gente fala de empreender, é preciso falar de **pensamento crítico** de **comunicação** e de **trabalho em equipe**. Luzimar dos Santos Ribeiro Mazetto”



Luzimar dos Santos Ribeiro Mazetto

atividades e propagava os conteúdos”, conta. “Algumas escolas desenvolviam até propostas mais diferenciadas, sempre estimulando características de liderança, criatividade, o valor do trabalho em equipe, a inovação, tudo dentro das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular”, ressalta.

O grande desafio de envolver as crianças nas atividades, de acordo com a educadora, é superar os entraves de um tempo na qual a tecnologia pode ser um obstáculo nas relações interpessoais. “Quando a gente fala de empreender, é preciso falar de pensamento crítico de comunicação e de trabalho em equipe para que eles empreen-

dam a própria vida, para que elas desenvolvam habilidades socioemocionais favoráveis dentro do seu contexto”, esclarece.

A consultora e gestora do projeto Cultura Empreendedora do Sebrae, Simone Millan Shavarski, lembra que para atrair a atenção das crianças duas ferramentas são fundamentais, um gibi distribuído anualmente e no qual o conteúdo é repassado em sala de aula, e o mural das super competências, que vai sendo preenchido pelos estudantes à medida que vão incorporando conhecimentos que iluminam o conceito do empreendedorismo. “As professoras e professores recebem formação da equipe do Sebrae e usam uma metodologia lúdica que ajuda a identificar os aspectos mais importantes para cada faixa etária”.

Sonhar acordado

A consultora Alesandra de Almeida, que foi gestora do projeto até 2024, explica que a formação dos educadores tem como ponto de partida a metodologia de uma iniciativa chamada Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), focada no desenvolvimento da criatividade e da autonomia. “Nossa premissa principal é trabalhar o comportamento. Eu não quero que ela saia pesquisando sobre o que é um CNPJ, que ela saia vendendo algum produto, que ele lucre com alguma atividade. Nossa metodologia busca uma mudança de comportamento, de acreditar em um sonho. Aí a gente explica que o sonho não é aquilo que ela vive quando está dormindo, mas qual é o desejo de vida dela, como ele pretende construir o seu futuro. E despertar nela a importância de pertencer a uma rede de contatos, de organizar seu cotidiano, de planejar, trabalhar com bons parceiros dentro da sala de aula”, compara.

Outro aspecto, é chamar atenção das crianças para o próprio protagonismo. “O nosso eixo principal é fazer cada um deles protagonista da própria vida”, resume. Para ela, a continuidade na aprendizagem vai moldando esta mudança de comportamento. “Ter acesso às noções de empreendedorismo desde o primeiro ano escolar vai fazer dela um estudante adulto com um poder de argumentação muito maior, com posições mais claras, enxergando a vida de outra forma, com senso de oportunidade.

Mesmo se ela for um empregado, ela vai ter uma grande vantagem para manter o emprego”.

Alesandra destaca que o Sebrae é a única instituição brasileira que tem a chancela da ONU para usar sua metodologia de estímulo ao comportamento empreendedor. São características que norteiam o trabalho do JEPP: iniciativa para buscar oportunidades; persistência; comprometimento; buscar excelência; tomar decisões com base em pesquisa e informação; estabelecer metas; planejar a atividade e monitorar os resultados; calcular riscos; ser influente e construir rede de relacionamentos; ter autonomia e fé na própria capacidade de fazer.

Lei garante oferta

Londrina é pioneira no Estado em adotar a cultura empreendedora nas salas de aula da rede municipal e desde 2016 todas as escolas têm professores com formação do Sebrae para transmitir a metodologia aos alunos. Graças a uma articulação do Fórum, uma nova legislação transformou o ensino de

empreendedorismo como política pública obrigatória na educação das crianças, evitando a descontinuidade. Trata-se da Lei Ordinária Nº 13321/2021, de autoria dos vereadores Eduardo Tomi-naga e Giovani Mattos, que inclui os conceitos de desenvolvimento de habilidades, preparação para o mercado de trabalho, construção de competência profissional, educação financeira, livre iniciativa, sustentabilidade, ética e cooperação, capaci-



Alesandra de Almeida

dade de gestão, inovação e cultura organizacional no cotidiano pedagógico da rede municipal.

Entre os adolescentes que cursam os anos finais do ensino fundamental, sob responsabilidade do governo estadual, o ensino não é tão abrangente. No ano passado, um levantamento do Sebrae apontou que 64 escolas do Estado contam com a parceria para formar educadores com a metodologia do JEPP. Em Londrina, no atual ano letivo, são duas: o Colégio

Estadual Professora Benedita Rosa Rezende, na Avenida Roberto Koch, na zona leste, e o Colégio Estadual Marcelino Champagnat, na Rua São Salvador, na área central. As atividades de empreendedorismo são ofertadas fora do horário regular, no contraturno, com vagas limitadas.

Este ano, o governo do Estado assinou um protocolo de intenções com o Sebrae para ampliar o alcance para 192 turmas no contraturno e atingir outros 27 mil estudantes do 8º e 9º anos que estão matriculados em unidades de tempo integral.

“No ensino superior, há diversas formações, mas a metodologia e o formato dependem de cada faculdade, do perfil do curso e da iniciativa dos coor-

“ *Nossa metodologia busca uma mudança de comportamento, de **acreditar em um sonho.***

Alessandra de Almeida

denadores. Em alguns casos, os cursos já estão nas próprias grades curriculares e, em outros, o tema é tratado nas semanas acadêmicas”, relata Alessandra. O destaque na atuação do Sebrae com os jovens é o Startup Garage, uma metodologia que incentiva o universitário a desenvolver protótipos de negócios com ideias inovadoras que podem ser absorvidas pelo mercado. Os melhores trabalhos são premiados e se habilitam a participar de competições nacionais.

NO CHAMPAGNAT, PROJETO JÁ RIVALIZA COM A FAMOSA BANDA MARCIAL COMO ATRATIVO PRINCIPAL

O imponente prédio de meados do século passado guarda um espírito de inovação que transbordou depois da pandemia no programa de empreendedorismo social oferecido no contraturno.

O diretor Claudécir Almeida da Silva brinca que o tradicional Colégio Estadual Marcelino Champagnat ganhou um novo chamariz para atrair pais e alunos em busca da excelência no ensino público. Agora, à sua tradição musical, expressada pela sua famosa banda marcial, patrimônio cultural da cidade, se soma o Empreendedorismo Champagnat, que oferece duas aulas semanais com metodologia do Sebrae aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental e quatro aulas semanais para os estudantes do ensino médio, com turmas de 30 alunos. “Tem fila de espera, mesmo não sendo obrigatório”, conta a professora de

História, Sarita Maria Pieroli, uma daquelas educadoras capazes de explicar com detalhes todas as transformações que os estudantes passaram ao participar de um projeto pedagógico inovador.

Para ela, a atividade do contraturno revela líderes e melhora o desempenho nas disciplinas regulares. “Temos uma sala de ideias, na qual a gente trabalha em círculo, com soluções discutidas em grupo e depois colocamos a mão na massa. Ali, surgem naturalmente os empreendedores natos que inspiram os demais. Alguns domingos atrás, por exemplo, alguém

postou no grupo de whatsapp que estavam abertas as inscrições para Olimpíada do Tesouro Direto de Educação Financeira. Eles foram atrás disso, tiveram esta iniciativa. E a escola se inscreveu graças a uma sugestão deles”, exemplifica Sarita.

Sarita liderou muitos projetos nestas atividades de contraturno - o primeiro deles foi uma feira de adoção de pets. Mas alguns viraram cases nacionais, como o recolhimento da água da chuva e do ar-condicionado para fazer horta hidropônica, a produção de floresiras com material reciclável e o projeto de desenvolvimento de um semáforo para cegos e pessoas de baixa visual movido a energia solar e acionado por sensor instalado em uma pulseira.

Mas tanto Sarita quanto Claudécir lembram que os “empreendedores” do contraturno se mobilizam também para solucionar problemas da comunidade escolar ou de alguma questão discutida em sala de aula. Este ano, por exemplo, depois de verificarem que a calçada do entorno da escola estava em péssimas condições, fizeram fotos e vídeos denunciando a situação, encaminharam à direção, que enviou um email com o material para a Secretaria Estadual de Educação. O pleito foi atendido e uma obra recuperou completamente o piso.

“Quando você trabalha com estes alunos numa forma diferente da sala de aula, com um layout diferente de espaço, com o estímulo à participação,

dando voz a eles, fazendo eles buscarem alternativas para a família e para a sociedade, ele se torna muito crítico. Os professores passaram a ser mais instigados, o que provocou um certo desconforto no início. Depois houve uma adaptação e a sensação que prevaleceu foi que aquelas eram boas confusões para a escola”, conta Claudécir, defendendo como a educação empreendedora pode influenciar positivamente o ambiente escolar.

“Quando eu fui conversar com os gestores da secretaria em Curitiba para contar nossa experiência, me perguntaram como a gente fazia a medição da aprendizagem. Eu disse que bastava eles entrarem naquela sala de ideias e perceberem o quanto se produz ali, de uma forma leve, com música, mas com a responsabilidade de um ambiente profissional, com pesquisa, organização, método, buscando novos desafios. Eu disse que só observando eles veriam como tudo aquilo mexe com a escola”, defende Sarita, que se emocionou ao confessar que seu grande desejo é que todas as escolas estaduais fossem contempladas com a parceria do Sebrae e que o maior número possível de alunos da rede pública tivesse a oportunidade de viver a experiência que ela observa na “sua” sala de ideias. “É urgente. Precisamos despertar este comportamento produtivo e interessado pela educação”, conclui.



Claudécir Almeida da Silva, Alesandra de Almeida e Sarita Maria Pieroli

ENGENHARIAS CRESCEM, MAS MERCADO NÃO ABSORVE MÃO DE OBRA

Em duas décadas, cidade multiplicou cursos de engenharia, mas especialistas alertam para falta de planejamento industrial e defendem valorização do ensino técnico

Quando surgiu em 2005, o Fórum Desenvolve Londrina já tinha um recado claro: era preciso abrir mais cursos de engenharia e também investir na formação técnica para dar suporte a um novo ciclo de desenvolvimento na cidade. A lógica era simples: sem engenheiros, não dava para atrair indústrias; sem técnicos, faltaria a base prática para transformar teoria em resultados. Duas décadas depois, muita coisa mudou — e nem tudo saiu como o esperado.



Marcos Rambalducci

De acordo com o Ministério da Educação, Londrina tinha 11 cursos de Engenharia em 2005. Nos 20 anos seguintes, foram abertos outros 31. Na conta, a cidade poderia ter 42 graduações na área. Só que várias ficaram pelo caminho: sete cursos antigos foram encerrados, sete dos novos também fecharam e outros sete já têm data para acabar. Hoje, só 21 cursos continuarão em atividade.

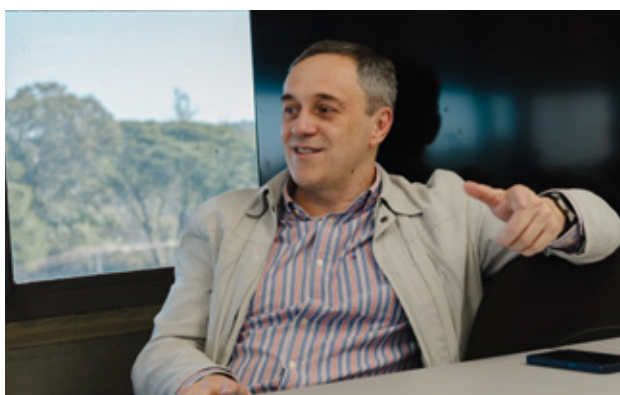
Para o professor Marcos Rambalducci, da UTFPR e atual secretário de Planejamento, a cidade cumpriu a primeira parte da tarefa: formar engenheiros. Mas o segundo passo — a industrialização — não

“Colocamos engenheiros no mercado, mas não tivemos política para atrair indústrias de base tecnológica.”

Marcos Rambalducci

veio. “Colocamos engenheiros no mercado, mas não tivemos política para atrair indústrias de base tecnológica. Hoje, 80% dos empregos em Londrina estão no comércio e nos serviços. Apenas 12,5% estão na indústria. Onde vamos empregar engenheiros?”, provoca.

Ele calcula que, para equilibrar a economia, Londrina precisaria dobrar a fatia da indústria no PIB, o que exigiria criar algo em torno de 17 mil vagas nesse setor. “Cada posto numa indústria de base tecnológica custa em média 250 mil dólares. Isso daria 30 bilhões de reais. Londrina não tem esse caixa. Ou trazemos capital e empresas de fora, ou seguiremos formando profissionais para outras cidades”, resume.



Henry Cabral

Já o gerente de Negócios em Tecnologia e Inovação do Senai Paraná, Henry Cabral, lembra que houve tentativas de aproximação. “O UniSenai começou em 2015 atendendo Engenharia Mecânica e Elétrica. Depois veio Engenharia de Software, aproveitando o potencial de Londrina em inovação. Mas ainda há contradições: o mercado pede software, mas muitos jovens preferem cursos mais tradicionais.”

Ele vê Londrina vivendo um paradoxo: excesso de gente em algumas áreas e falta em outras, como tecnologia da informação e automação. “Ainda não conseguimos comunicar bem onde estão as oportunidades. Sem indústrias puxando essa demanda, parte dos engenheiros acaba se espalhando pelo país ou até migrando para áreas como o mercado financeiro”, observa.

“*Sem indústrias puxando essa demanda, **parte dos engenheiros acaba se espalhando pelo país.***”

Henry Cabral

Ensino engessado e receio dos alunos

A reitora da Unopar Anhanguera, Flávia Pomim Frutos, aponta que o problema começa cedo. “Os alunos chegam do ensino básico com medo da matemática e da física. Muitos acham que engenharia é só para pessoas com altas habilidades, o que leva muita gente a optar por cursos vistos como mais fáceis”.

Ela reconhece que Londrina ainda não conseguiu segurar seus engenheiros. “Existem histórias de sucesso, como a Solintel, criada por egressos. Mas, em geral, os salários não condizem com a qualificação. Resultado: muitos acabam migrando ou atuando fora da área.”

Cabral reforça: “Antes de perguntar sobre mão de obra, as grandes indústrias, antes de decidir investir em uma cidade ou região, querem respostas claras sobre duas dimensões críticas: disponibilidade energética e infraestrutura logística; querem entender se a cidade é capaz de suportar fluxo de insumos e escoamento de produção de forma rápida, segura e competitiva, e ainda, se a região possui distritos industriais,



Flávia Pomim Frutos

terrenos regularizados e com serviços básicos. Sem isso, não adianta ter profissionais prontos. Essa discussão precisa ser levada a sério.”

Rambalducci vai na mesma linha: “Londrina precisa de um plano estratégico focado em atrair indústrias de base tecnológica. Sem isso, vamos seguir formando engenheiros que trabalharão em outros lugares”, afirma. Ele está tocando um projeto chamado “2050: A Nova Geografia do Desenvolvimento Regional Pé Vermelho”, que busca recolocar a industrialização na agenda.

“*Muitos alunos acham que **engenharia é só para pessoas com altas habilidades**, o que leva muita gente a optar por cursos vistos como mais fáceis.*” Flávia Pomim Frutos

A chegada da UTFPR

A criação do Fórum Desenvolve Londrina coincidiu com a chegada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) à cidade. Em 2007, a instituição abriu o curso de Tecnologia em Alimentos; no ano seguinte, veio Engenharia Ambiental e, em 2009, Engenharia de Materiais.

Na sequência, entidades do Fórum e do Núcleo de Desenvolvimento Empresarial (Comel) se uniram a prefeitos da região para pedir ao governo estadual a criação de mais cursos. “Naquele ano, a UTFPR recebeu um ofício do então secretário de Ciência e Tecnologia, Alípio Leal, pedindo ajuda para atender ao pleito”, recorda o ex-diretor do campus, professor Marcos Massaki Imamura.

Com investimentos do Estado, a universidade implantou Engenharia Mecânica, Produção e Química. Segundo Imamura, a formação inicial supriu a demanda regional, mas logo ficou claro que o mercado não acompanhava. “Os engenheiros formados nestas turmas atenderam inicialmente às demandas existentes em Londrina e região. Como não houve uma expansão significativa do parque industrial, a grande maioria vai embora”, afirma.

Nos últimos anos, o desafio mudou: a queda no interesse pelas engenharias foi intensificada pela pandemia. “Depois veio uma diminuição muito grande no interesse pelas engenharias, o que tem refletido nas entradas de alunos”, observa. Para ele, os efeitos são inevitáveis. “O grande problema desta diminuição se refletirá nos próximos anos, com menos engenheiros disponíveis. Muito se fala em déficit, mas veremos esse impacto em sua plenitude em breve.”

“Hoje, engenheiros de produção estão em **indústrias**, mas também em **serviços, saúde, tecnologia**.”

Carlos Fontanin

Uma visão diferente

O professor Carlos Fontanin, da PUC-PR, vê a questão por outro prisma. Ele lembra que a universidade abriu Engenharia de Produção no início dos anos

“O grande problema da diminuição de engenheiros se refletirá nos próximos anos, **com menos engenheiros disponíveis**.” Marcos Massaki Imamura

2000. “Na época havia grande expectativa porque Londrina sempre foi forte no agro, no comércio e também em setores industriais”, recorda.

Para ele, o curso foi além de acompanhar o mercado — ajudou a ampliá-lo. “Hoje, engenheiros de produção estão em indústrias, mas também em serviços, saúde, tecnologia. Isso mostra que a formação não só atende demandas imediatas, como abre novas frentes e diversifica a economia local.” Fontanin ressalta ainda a importância do Fórum: “Tem sido um ator importante no planejamento e no desenvolvimento da cidade.”

O papel dos cursos técnicos

Enquanto os engenheiros enfrentam dificuldades, os cursos técnicos aparecem como caminho certo. “Hoje, o jeito mais rápido de arrumar emprego é fazer técnico. No Brasil, só 11% dos alunos seguem essa trilha, contra 50% na Alemanha e 70% na Suíça. E as vagas estão aí: mecânica, elétrica, automação. O Senai só abre curso quando existe demanda real. Quem faz técnico raramente fica sem trabalho”, garante Cabral.

Pomin concorda: “Em países desenvolvidos, o técnico é valorizado. Muitos nem pensam em virar engenheiros. Aqui ainda falta essa cultura. Mas já estamos avançando: a Unopar lançou vários cursos técnicos nos últimos dois anos justamente porque sabemos que essa é uma demanda urgente.”



EDSON SE FORMOU NA PRIMEIRA TURMA DE ENGENHARIA ELÉTRICA DA UNISENAI

Graduado em 2023, profissional construiu carreira com base em cursos técnicos e na persistência: “Engenharia não é inventar coisas, é resolver problemas”

Quando Edson da Silva Bueno, hoje com 38 anos, decidiu investir em sua formação, já trabalhava como eletricista em uma empresa de prestação de serviços. O salto para a indústria, porém, só veio quando concluiu o curso de Tecnologia em Manutenção Industrial no Senai. “Não teria conseguido entrar numa multinacional sem o curso tecnólogo”, reconhece.

Com o diploma na mão, foi contratado pela Adama, onde começou como eletricista de manutenção. O passo seguinte na carreira se deu na universidade do próprio Senai, a UniSenai PR. Ele integrou na primeira turma de Engenharia Elétrica da instituição em Londrina, formando-se em 2023.



Edson da Silva Bueno

A persistência foi chave. Dos 37 colegas que iniciaram o curso, apenas seis concluíram. “Não foram os mais inteligentes que se formaram, mas os mais persistentes”, afirma. Para ele, o problema não está na dificuldade com exatas, mas na frustração com a realidade da profissão: “Muita gente entra achando que vai inventar coisas. Mas engenharia é resolver problemas, e muitas vezes isso envolve gestão e engajamento de pessoas, não planos mirabolantes”.

Em 2023, a Adama passou por reestruturações e foi aberta uma vaga de engenheiro de processo. Bueno se candidatou em janeiro, antes mesmo de colar grau, e foi aceito. “Comecei no final de fevereiro, praticamente no primeiro dia de março. Um mês depois coleí grau e tirei o CREA”, conta.

Hoje, ele cuida da etapa de envase da produção. No dia a dia, surpreendeu-se com a exigência de habilidades além da técnica. “Achei que ia lidar mais com a parte técnica. Mas vi que deveria ter dado mais atenção à gestão. Em matemática temos softwares, inteligência artificial, várias ferramentas. Já na gestão, não tem como fugir: é preciso lidar com gente e processos”.

Apesar das dificuldades, ele vê oportunidades no mercado. “Não falta emprego para engenheiro. O que acontece é que muita gente acha que só se formar é suficiente. Não é. É preciso mostrar algo a mais, fazer diferente dos outros”.

DESDE OS PRIMÓRDIOS, A PREOCUPAÇÃO COM O AMBIENTE DE NEGÓCIOS

Vinte anos atrás, uma série de preocupações envolvia os líderes e pensadores. Como será o futuro econômico da cidade? Como construir em Londrina um ambiente mais amigável, atrativo e dinâmico para os negócios?

A cidade habituada ao crescimento vertiginoso precisava tirar um coelho da cartola para seguir sendo percebida além da sua visível qualidade de vida. E começou uma busca pela simplificação e por instrumentos de apoio para estimular a geração de renda através do empreendedorismo.

Em dezembro de 2008 foi lançado o estudo “Desenvolvimento Empresarial - Uma Oportunidade para Todos”, documento de 75 páginas com dados estatísticos, análises, diagnósticos e sugestões. Na lista de causas (pleitos), foram relacionados tópicos como a integração dos ativos sociais, o empreendedorismo cívico, a participação social ativa, o Plano Diretor, a cultura empresarial e o capital humano.

“O Fórum Desenvolve Londrina teve um **papel crucial na transformação do ambiente empresarial** da cidade.

Gerson Guariente

O engenheiro Gerson Guariente, um dos líderes do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon Paraná Norte), lembra que naquela época havia uma sensação entre os líderes empresariais que a cidade havia perdido horizonte, que havia ficado “na mão do poder político”, com suas instabilidades e sem visão de longo prazo. “O Fórum Desenvolve Londrina teve um papel crucial na transformação do ambiente empresarial da cidade. Superamos um período de desorganização da sociedade civil e aquela mentalidade que não acha o desenvolvimento empresarial, de fato, importante”, lembra.

“Não tenho dúvida em dizer que **nosso capital social hoje é muito maior.** Sérgio Ozório

“Londrina contava com entidades fortes, líderes fortes, instituições tradicionais, bem consolidadas, mas que, de certa forma, trabalhavam muito olhando para o próprio umbigo. Precisávamos de uma instituição neutra, onde poderíamos fazer intercâmbio de planejamento para uma atuação conjunta, uma união para pensar o desenvolvimento da cidade. O Fórum foi um divisor de águas e não tenho dúvida em dizer que nosso capital social hoje é muito maior”, conta Sérgio Ozório, consultor do Sebrae que atua desde o início nos debates, estudos e projetos do Fórum Desenvolve Londrina.

As conquistas

A lista de avanços elencados por quem acompanhou todo este processo de parceria da sociedade civil com a Prefeitura inclui a aprovação da Lei Geral



Gerson Guariente

Municipal das Micro e Pequenas Empresas (2009), um conjunto de normas relativas ao tratamento diferenciado e prioritário que desburocratizava o processo de abertura de empresas nos órgãos municipais e concedia isenções de taxas e do Imposto sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN) nos três primeiros meses de funcionamento; o comitê gestor desta lei que discutiu sua regulamentação; a estruturação da Sala do Empreendedor (2015), um espaço para atendimento dos microempreendedores individuais com dúvidas sobre a legislação, a documentação necessária, os recursos de capacitação e o acesso ao crédito; o Programa ISS Tecnológico (2010), pacote de benefícios fiscais para empresas prestadoras de serviços sediadas em Londrina que realizem investimentos em serviços inovadores com equipamentos e softwares de outras empresas londrinenses; e o Compra Londrina (2017), um programa de incentivo e qualificação para que as empresas locais tivessem mais competitividade nas concorrências públicas para a contratação de serviços e fornecimento de produtos pelo governo municipal.

“Foi a partir de uma viagem de uma delegação de líderes londrinenses onde conhecemos a experiência de Três Rios, no Estado do Rio de Janeiro, que criamos um consenso e um caminho para o desenvolvimento das empresas locais. E tivemos resultados muito positivos”, lembra o empresário Ary Sudan, diretor da Rondopar e ex-presidente do Fórum Desenvolve Londrina (2016-2017).



Ary Sudan

Tempo de maturação

Para ser reconhecido hoje como um caso de sucesso, o Compra Londrina teve um longo tempo de maturação. Entre sua concepção elaborada em conjunto pelo Instituto de Desenvolvimento de Londrina

“É preciso se **manter atento e cobrando o poder público para que cada conquista seja mantida como política de estado.** Ary Sudan”

(Codel), a Associação Comercial e Industrial de Londrina (ACIL), o Sebrae, o Observatório de Gestão Pública e sindicatos patronais, em 2010, até sua adoção como política pública, através de um decreto do governo municipal de 2017, a sociedade civil organizada fez um trabalho de aproximação dos empresários com as demandas do setor público, apreensivos com as perspectivas sombrias daquela recessão.

O intercâmbio com os gestores de Três Rios é considerado um marco na consolidação do programa. Com um exemplo concreto de impacto econômico na base econômica a partir de uma solução criativa, sem qualquer ônus para o erário, a ideia do Compra Londrina decolou. Em 2019, o potencial de transferência de recursos de orçamentos públicos para empresas locais já havia alcançado R\$ 400 milhões, com a adesão da Universidade Estadual de Londrina, a Sercomtel, a CMTU, a Cohab e a Câmara de Vereadores.

Sudan lembra que todas estas ações estimuladas pelo Fórum e que geraram ações conjuntas dos líderes deixou um legado com uma outra instância de debate permanente, o Núcleo de Desenvolvimento Empresarial, que 16 anos depois permanece discutindo semanalmente pautas ligadas ao aprimoramento do ambiente de negócios. Uma longevidade suficiente para agregar novos líderes à cultura associativista, ativo que sempre foi defendido no âmbito do Fórum. “É preciso se manter atento e cobrando o poder público para que cada conquista desta seja mantida como política de estado”, afirma Sudan. “Em muitos casos, a cada governo, é preciso defender os programas como eles são, com as características que foram desenhadas lá atrás, que foram testadas e aprovadas, porque os benefícios para a cidade foram muito grandes”, concorda Sérgio Ozório.

Liberdade econômica

Cuidar do que já se construiu é parte fundamental no desafio de Londrina ser uma cidade mais atracente ao empreendedorismo. Mas novos elementos

tentam aprimorar o ciclo de destravamento. O município está prestes a ganhar uma legislação que garanta mais liberdade econômica, com a desburocratização e digitalização dos processos de licenciamentos e autorizações nos órgãos municipais, um novo ponto na linha do tempo desta história de evolução.



Em setembro, Londrina foi destaque na divulgação do relatório quadrimestral do Mapa de Empresas, levantamento do Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte que mede a agilidade para a formalização de um negócio. No ranking do estudo, Londrina lidera o quesito entre os municípios paranaenses do interior, com um tempo médio de 102 minutos para abrir uma empresa. No levantamento do primeiro quadrimestre, o tempo médio era de sete horas. No último relatório de 2024, Londrina era o penúltimo colocado entre os 10 municípios paranaenses mais populosos. Entre as autoridades e os líderes do empresariado, caso a lei de liberdade econômica seja aprovada, há uma grande expectativa de que a cidade ganhe o título de mais ágil do Estado, ultrapassando Curitiba, que tem uma média de 90 minutos e lidera também entre as capitais, empatada com Aracaju.

Em 2023, o Fórum revisitou o tema com o estudo “Inovação e Desenvolvimento Empresarial - Um compromisso de todos em Londrina” e elencou 10 propostas prioritárias, uma delas “a integração e informação dos processos burocráticos da Prefeitura para diminuir o tempo de tramitação”. No mesmo rol, estavam o desenvolvimento de infraestrutura de qualidade; a modernização dos regulamentos municipais como Plano Diretor, Código de Obras e a Lei de Ocupação do Solo; a educação tecnológica; o envolvimento dos cidadãos com o Masterplan; e a melhora na capacitação para acessar crédito e benefícios fiscais.



Sérgio Ozório

“É isso que deve ser compreendido. O Fórum sempre terá o papel de alertar a cidade que não adianta apenas pensar em questões do presente. Ser um ambiente pensador, guardião de uma visão a longo prazo, uma força conjunta que se dedica ao que realmente é importante para a cidade, para que o futuro chegue antes e torne a cidade melhor”, avalia Sérgio Ozório.

O COMPRA LONDRINA, UM EMPREENDEDOR E AS ESCOLAS COM TINTAS FRESCAS

Premiado em nível nacional e reconhecido como exemplo de criatividade e inovação na gestão pública, o Programa Compra Londrina já apresenta números impactantes oito anos após seu lançamento.

No triênio 2022/2023/2024, as empresas de Londrina “seguraram” na cidade mais de R\$360 milhões do Orçamento Municipal. Após um período de orientação e qualificação, elas ganharam competitividade e venceram licitações para vender produtos, realizar obras e prestar serviços variados, como a manutenção de ar-condicionado e de elevadores, capina e remoção de tocos de árvores.

De acordo com levantamento da equipe técnica do programa, 85% das centenas de empresas locais que conseguem levar vantagens sobre os concorrentes são micro ou pequenas.

É o caso da Pinturas Condor, a marca que está por trás do trabalho do pintor de parede e empresário Sandro Luciano das Neves, que a reportagem encontrou em pleno trabalho com seus auxiliares no Centro Municipal de Educação Infantil Kalin Youssef Youssef, no Conjunto Habitacional Hilda Mandarino, na zona norte.



Sandro Luciano das Neves, empresário

“Eu procurei o programa, me preparei para concorrer, fui bem atendido e orientado na organização da documentação e consegui vencer nove concorrentes. Tem dado tudo certo. Todos os anos a qualidade do serviço é avaliada e o contrato é renovado automaticamente”, conta, entre uma instrução e outra para a equipe.

Em 2022, após o tombo financeiro “quase fatal” da pandemia do novo coronavírus –por quase dois anos ficou praticamente inativa – a Pinturas Color que, desde os anos 1990 prestava serviços para prédios residenciais na cidade, conseguiu sobreviver depois de assinar um longo contrato com a Secretaria Municipal de Educação, de quase R\$3 milhões. E foi “com emoção” porque a empresa estava devendo R\$300 mil e teve apenas 10 dias para conseguir quitar o passivo e obter todas as certidões negativas necessárias. “Logo eu que sempre pensei que licitação é um jogo de cartas marcadas”, lembra.

Neves diz que consegue pintar de duas a três escolas por mês e que praticamente não consegue atender outros clientes. “Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido com o meu negócio, mesmo com o desconto que eu fiz para a Prefeitura”, comemora. No auge da demanda da secretaria, a Condor chegou a ter uma equipe de 48 colaboradores, praticamente o mesmo número que chegou a ter antes da pandemia. “E o melhor é que os diretores, os professores, os pais das crianças aprovam nosso trabalho, o que deixa nossa equipe muito satisfeita”.

REVITALIZAÇÃO DO CENTRO: UM DESAFIO CONSTANTE

Projetos recentes trouxeram avanços, mas empresários defendem medidas mais ousadas e destacam o papel do Fórum Desenvolve Londrina na articulação das mudanças

Desde que o Fórum Desenvolve Londrina foi criado, a deterioração do centro da cidade e a necessidade de revitalização da área estão na pauta das discussões. Muita coisa foi realizada pelo poder público e pela iniciativa privada a partir dos diagnósticos e pleitos apresentados. Uma série de outras intervenções ainda estão por vir.

O vice-presidente da Associação Comercial e Industrial de Londrina (Acil) e integrante do Núcleo Novo Centro, Gerson Guariente, conta que a região começou a perder sua vitalidade a partir dos anos 1980. Segundo ele, isso aconteceu por causa de decisões estratégicas equivocadas, como a mudança de órgãos públicos — entre eles, a Prefeitura e a Câmara Municipal.

“Essa movimentação iniciou um ciclo de esvaziamento, pois afastou servidores, serviços e consumidores”, conta Guariente. “Ao longo dos anos, a tendência se agravou com outros fatores. Um deles foi a

“ Pedimos a retirada das lanchonetes porque **o local se tornou desagradável e mal frequentado.** Fernando Moraes ”

digitalização do sistema bancário, que reduziu drasticamente a quantidade de agências físicas — antes, grandes atrativos de circulação no centro.”

Além disso, o fechamento das lanchonetes do calçadão, em 2010, diminuiu ainda mais a movimentação de pessoas. Fernando Moraes, empresário e ex-presidente da Acil, lembra que a medida foi um pedido das próprias entidades à Prefeitura. “Pedimos a retirada das lanchonetes porque o local se tornou desagradável e mal frequentado. Tinha muitos assaltos. Tenho loja no calçadão e a circulação dessas pessoas incomodava bastante.”



Gerson Guariente e Fernando Moraes

Junto com a retirada das lanchonetes, a Prefeitura também trocou o petit-pavê, que demandava muita manutenção, pelo piso atual. O calçamento ganhou em acessibilidade, mas perdeu o charme e esvaziou-se. Hoje, a cidade busca formas de atrair mais gente para o centro e cogita até a volta do antigo piso.

Reformas e melhorias

Uma das principais reformas recentes no centro foi a da Rua Sergipe, principal ponto de comércio de rua da cidade. Em 2019 e 2020, a Prefeitura uniformizou as calçadas, trocou a iluminação, os bancos e as floreiras. “A rua ficou bem mais bonita e isso ajudou bastante o comércio local”, afirma o presidente do Sindicato do Comércio Varejista (Sincoval), Ovhanes Gava.

Ele lembra que houve outros avanços importantes. “Teve a reativação de pontos históricos da cidade, com os museus passando a ser considerados atrativos culturais e turísticos. O Sesc Cadeião se consolidou como um espaço de grande movimentação. A Praça dos Japoneses (Tomi Nakagawa) foi criada, e o Bosque foi revitalizado.”

A rua inteligente

Em 2021, a Prefeitura anunciou um projeto ousado em parceria com o programa Conecta, da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI): o da Sergipe Inteligente. A ideia era ter luminárias com câmeras e Wi-Fi integrados, software de reconhecimento facial, cruzamentos semaforizados com inteligência artificial e tecnologia 5G gratuita.

Essa foi uma entrega que ficou abaixo das expectativas “Foram instalados alguns equipamentos, como câmeras de vigilância, mas não dá para dizer que a Sergipe é uma rua inteligente”, diz Guariente.

“*Foram instalados equipamentos como câmeras de vigilância, **mas não dá para dizer que a Sergipe é uma rua inteligente.***” Gerson Guariente

Mudanças na legislação

As discussões sobre o centro motivaram mudanças importantes na legislação urbana. “A primeira foi a revisão do Plano Diretor, que começou em 2017. Mais ou menos na mesma época, foi contratado o Plano de Mobilidade Urbana de Londrina, que traz um capítulo inteiro sobre a mobilidade na área central. E, no Masterplan, elaborado em 2021, a revitalização do centro aparece como um dos polos centrais de atenção da cidade”, explica Guariente.

Outro ponto importante foi a atualização do Código de Obras e da Lei de Uso e Ocupação do Solo. Entre as novidades está a regulamentação dos retrofits — reformas e modernizações em prédios antigos, mantendo suas características originais.



O futuro

Os empresários acreditam que a revitalização do centro precisa avançar com projetos de maior impacto. “Faz dois anos que estamos negociando com o governo do Estado para trazer o Centro de Atendimento Regional (CAR). A ideia é reunir em um único espaço o maior número possível de secretarias que prestam atendimento direto à população”, afirma Guariente.

O município está definindo um imóvel na área central para abrigar o CAR, com capacidade para cerca de 800 servidores, atendendo até 2.500 pessoas por dia.

Outro ponto importante é o projeto de revitalização do calçadão. “Temos um projeto para o trecho do Teatro Ouro Verde que, se der certo, deve ser levado para as outras quadras. Ele resgata a proposta original do arquiteto Jaime Lerner: piso em petit-pavê, mobiliário de madeira, floreiras, luminárias que remetem às araucárias. E queremos a retirada da fiação dos postes e o enterramento dos cabos.”

“

A Fecomércio pretende **transformar o trecho próximo ao Sesc Cadeião** em um boulevard. Ovhanes Gava

”

A arborização também é vista como essencial. “Hoje os comerciantes já entendem que ela é fundamental. Uma rua arborizada pode ter até 5 graus a menos de temperatura em relação a uma sem árvores.” Se sair como previsto, o projeto vai resultar num “grande calçadão”, com passagens elevadas para veículos.

O Plano de Mobilidade Urbana também é ambicioso. “Vai priorizar o transporte não motorizado: pedestres, bicicletas, patinetes. O transporte coletivo seria feito com veículos menores, como vans elétricas. A ideia é criar um grande espaço de convivência, com menos carros e mais vida cultural.”

Ovhanes Gava acrescenta que a Fecomércio também tem planos para a região. “A entidade pretende transformar o trecho próximo ao Sesc Cadeião em um boulevard. Só falta o município apoiar.”

O papel do Fórum

Os empresários reforçam que o Fórum Desenvolve Londrina foi fundamental para articular projetos e transformar ideias em realidade. “Ele está presente em todos os aspectos da vida do londrinense”, afirma Fernando Maurício de Moraes. Uma das ações mais importantes para o futuro da cidade, na visão dele, o Masterplan, é fruto das discussões feitas no Fórum. “Essa foi uma definição da época em que eu estava na presidência da Acil. O Masterplan nasceu dentro do Fórum, depois ganhou corpo, e as entidades conseguiram que a Prefeitura o colocasse em prática.”

Gerson Guariente também não economiza palavras ao se referir ao Fórum. “Posso dizer que o Fórum foi talvez a iniciativa mais importante de transformação da cidade, onde se criaram os primeiros indicadores, que hoje estão refletidos no Masterplan.” Ele também destaca a criação dos núcleos a partir do Fórum. “Temos o Núcleo de Desenvolvimento Empresarial, o de Segurança, o Núcleo Novo Centro”, exemplifica.



Ovhanes Gava

Ovhanes Gava reforça: “Até mesmo em áreas que não são diretamente ligadas ao centro, como o aeroporto, o Fórum teve papel decisivo. Hoje o Fórum é essencial para a construção da cidade. Não dá mais para pensar Londrina sem ele.”

Segundo o presidente do Sincoval, o Fórum é um aglutinador. “O Fórum que garante a organização e a articulação necessárias para que Londrina continue evoluindo.”

RUA SERGIPE: CORAÇÃO DO COMÉRCIO SE RENOVA

Empresário Nasser Zebian Nasser, que está na via desde 1995, afirma que revitalizações trouxeram ânimo ao comércio e atraíram clientes, mas cobra continuidade nas melhorias

A Rua Sergipe, tradicional polo do comércio popular de Londrina, passou por duas grandes revitalizações desde 2012. Para quem tem negócios por lá, as mudanças foram decisivas para reaquecer o movimento e dar mais conforto aos clientes.

O empresário Nasser Zebian Nasser, dono das lojas D+ Kids e D+ é Demais, resume o impacto: “A Rua Sergipe é a artéria do coração, a artéria do comércio de Londrina. Tudo o que veio, desde a primeira revitalização, só trouxe coisas positivas.”

Segundo ele, que tem loja no local desde 1995, antes das obras a situação era crítica. “Era uma calçada esburacada totalmente. O petit-pavê é lindo, mas é horrível para manutenção. As pedras se soltavam, as pessoas tropeçavam, se machucavam, clientes reclamavam.”

A primeira revitalização, em 2012, trouxe padronização de calçadas e alargamento da via. “Aquilo deu um ânimo, um ‘up’ para a rua. Foi um divisor de águas.” O ciclo de obras se completou em 2020, quando a Prefeitura instalou vasos de flores, postes padronizados e lixeiras. “Muitas lojas aproveitaram e reformaram suas fachadas. Isso fez diferença.”

Comércio popular e de alto padrão

Nasser faz questão de combater a visão de que a Sergipe seria apenas “rua de povão”. “Pelo contrário: aqui temos lojas padrão shopping. A minha, por exemplo, tem 2 mil m², três pavimentos e escada rolante. A Sergipe atende a todos os públicos, da classe A à classe C, com preços e mercadorias variados.”

Além da força comercial, ele lembra a dimensão turística. “Aqui temos o Museu de Arte em revitalização e, na rua de baixo, o Museu Histórico de Londrina. O centro precisa ser valorizado também por isso.”

Apesar dos avanços, o empresário aponta um problema recorrente: a falta de manutenção. “Foram colocadas lixeiras, mas já faltam várias. As floreiras estão secas em algumas esquinas. Por que não revitalizar? Por que não repor?”

A expectativa dele é de que o poder público mantenha e expanda o que foi iniciado. “O centro é o centro. A Rua Sergipe é a mais importante do comércio popular de Londrina e precisa ser cuidada como tal.”



Nasser Zebian Nasser

INTEGRAÇÃO DOS EFETIVOS, PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA E TECNOLOGIA: FÓRMULA MELHORA SENSAÇÃO DE SEGURANÇA

O uso estratégico de tecnologia, a crescente integração entre as corporações armadas e uma participação mais ativa da população no monitoramento do espaço público estão paulatinamente trazendo uma sensação de segurança aos londrinenses.

Questão central no debate sobre a realidade brasileira neste século, a segurança é uma preocupação permanente do Fórum Desenvolve Londrina, que ao longo das duas décadas de atividade promoveu a aproximação entre as autoridades policiais e representantes dos órgãos de fiscalização com líderes de segmentos e dos moradores.

As Pesquisas de Percepção incluídas nas edições anuais do Manual de Indicadores do Fórum apontam que a sensação de segurança cresceu significativamente nos últimos 10 anos, conforme um dos itens monitorados. Em 2024, 59,2% dos pesquisados diziam que concordavam com a frase “Me Sinto Seguro em Caminhar pelas Ruas do Meu Bairro”, contra 43,7% em 2015. No mesmo caderno constam dados menos animadores, mas que sugerem que o quadro parou de piorar mesmo com a cidade incorporando mais de 50 mil moradores entre os dois últimos censos. Entre 2013 e 2022, por exemplo, a taxa de homicídios se manteve praticamente a mesma (20,2 contra 20,6). Mesmo viés de estabilidade do Coeficiente de Mortalidade por Acidentes de Trânsito (4,2 em 2013 contra 4,7 em 2023).

A expectativa é de melhora no quadro, de acordo com estatísticas que vieram à tona em 2025, o que reforça as ideias amadurecidas nas discussões do Fórum. De acordo com balanço divulgado pela Prefeitura no início de agosto, Londrina tem registrado queda expressiva no número de crimes violentos. No primeiro semestre, a cidade acumulou 13 homicídios dolosos, uma queda de 35% em comparação ao primeiro semestre de 2024. Em comparação com outras grandes do interior no mesmo período, Londrina teve menos casos que Cascavel (32), Foz do Iguaçu (31), Ponta Grossa (17) e Maringá (15).

O primeiro semestre também foi de retração no número de roubos de veículos (queda de 32%), furtos de veículo (17%), roubo a pessoas (10%) e estupros (19%). A elucidação dos homicídios atingiu mais de 71% no período (contra 55% em 2024) e o atendimento prestado em relação à perturbação do sossego aumentou de 449 episódios para 585 em um ano. A Guarda Municipal também apresentou um balanço positivo nos resultados alcançados em 2025, avançando no número de abordagens e nas prisões de foragidos da Justiça, triplicando o número de mandados cumpridos pelo efetivo.



Fabrício Bianchi e Ricardo Eguedis

Polícia de proximidade

“Desde 2023, a gente vem cultivando a doutrina da polícia de proximidade, que usa a inteligência artificial e algoritmos para nortear as patrulhas e as operações. Estes dados identificam vulnerabilidades e as áreas onde a polícia deve estar. Estamos usando mais tecnologia e isso está gerando bons resultados. Um exemplo é que eu posso monitorar nosso sistema operacional com o meu celular. Na palma da mão, eu sei onde estão todas as viaturas e todas as ocorrências que foram registradas”, explica o tenente-coronel Ricardo Eguedis, comandante do 5º Batalhão da Polícia Militar. “Também estamos mais presentes na vida dos moradores, com reuniões frequentes, com uma comunicação intensa nas redes sociais. Temos 14 grupos ativos no whatsapp, com a formação de novas lideranças comunitárias nos bairros, nos distritos e na zona rural. São espaços de troca de informações, no qual melhoramos a sensação de segurança e alimentamos uma relação de credibilidade, que estimula a comunicação dos crimes nos canais adequados, o que aprimora nosso georreferenciamento”, relata.

O especialista em gestão de projetos, Fabrício Bianchi, atual diretor-presidente da Companhia Muni-

“A prevenção sempre foi presente nas discussões sobre políticas públicas de segurança, como o **monitoramento por câmeras, a melhoria no sistema de iluminação pública e as campanhas educativas de trânsito**.” Fabrício Bianchi

“Desde 2023, a gente vem cultivando a doutrina da polícia de proximidade, que usa a **inteligência artificial e algoritmos** para nortear as patrulhas e as operações.” Ricardo Eguedis

cipal de Trânsito e Urbanização (CMTU) e ex-gerente regional do Sebrae Paraná, tem atuação ativa no Fórum desde a década passada e lembra que a prevenção sempre foi presente nas discussões sobre políticas públicas de segurança, como o monitoramento por câmeras, a melhoria no sistema de iluminação pública e as campanhas educativas de trânsito.

Iluminação de LED

Fabrício considera que desde então os avanços são inegáveis, mas que o município depende de investimentos ainda mais maciços em tecnologia para continuar progredindo neste quesito. Ele diz que a troca de boa parte da iluminação pública com lâmpadas de LED - já são 30 mil postes com lâmpadas mais potentes - ajudou na prevenção de crimes e na identificação das infrações de trânsito, mas que o município ainda tem um potencial inexplorado na rede de postes. “Já poderíamos ter feito essa transição com as luminárias formando uma rede de conectividade, com slots para internet, câmeras e até captação de som, que poderiam ajudar tanto a polícia, quanto a guarda, quanto o sistema de transporte coletivo”, avalia.

A CMTU também vai trabalhar, adianta Fabrício, na implementação de uma rede semafórica inteligente, capaz de registrar imagens com reconhecimento facial e de identificar placas de veículo, além de regular o tráfego com inteligência artificial. A expectativa é que estes novos semáforos também facilitem a vida dos pedestres e reduzam o número de atropelamentos, um problema que o coronel Eguedis observa “era muito pior” em comparação às primeiras discussões do Fórum, quando o Programa Pé na Faixa ainda estava em discussão.

Duas novas frentes que reforçam a estratégia de integração e uso de tecnologia estão se formando na cidade. A primeira é o funcionamento efetivo do novo Gabinete de Gestão Integrada Municipal, que terá a

finalidade de manter uma política permanente de colaboração entre as corporações armadas e os órgãos de controle das três esferas no planejamento, coordenação e acompanhamento de operações mistas de fiscalização e repressão (no lançamento foi dado como exemplo a prioridade ao combate das quadrilhas responsáveis pelos furtos na fiação de cobre). A segunda é o desenvolvimento de um aplicativo de acesso aos serviços da Prefeitura que funcione também como uma fonte de informação para o mapeamento de pontos críticos de segurança.

O secretário municipal de Defesa Social, Felipe Juliani, um ex-policia militar que hoje comanda a Guarda Municipal, também ressalta o avanço da sinergia nas patrulhas. “Podemos dizer que atingimos um nível inédito de colaboração, com comunicação intensiva e compartilhamento de inteligência”, afirma.

A GM tem à disposição uma “muralha digital” com 260 câmeras, 100 delas próprias. Esta rede está

“Podemos dizer que atingimos um nível inédito de colaboração, com **comunicação intensiva e compartilhamento de inteligência**.”

Felipe Juliani

à disposição de todos os inquéritos ou investigações policiais - e de órgãos de controle - em curso. Recentemente, o acesso foi desburocratizado. “Antes as polícias tinham que solicitar as imagens por ofício, o que tornava o processo bem mais moroso. Mas aí fizemos um trabalho de integração real, que foi a liberação do acesso livre destas forças, mediante cadastro. Agora eles fazem isso online e pesquisam o que quiserem, desde que a senha esteja cadastrada. Então, sabe-



Felipe Juliani

mos quem está entrando no sistema. Repito, temos agora uma integração real”, esclarece.

Choque de ordem

Juliani também acredita que a política de choque de ordem que começou este ano na cidade pode ampliar ainda mais a sensação de segurança a curto prazo. Ele cita a experiência no Centro Histórico, uma região antes tomada por uma numerosa população em situação de rua. “Já sabíamos que 99% dessas pessoas sofrem com o vício em álcool ou drogas e que a concentração estava relacionada à proximidade com pontos de tráfico. Estas pessoas não querem ficar longe de onde as drogas são vendidas. Quer usar rapidamente o dinheiro que obtém com esmolas em áreas de grande circulação. Mapeamos as bocas de fumo e começamos a combater o tráfico num raio de 500 metros do epicentro de maior concentração. Os traficantes foram presos ou deixaram a região. Em seguida, os usuários também desapareceram, alguns para outras regiões da cidade, outros deixaram o município. Então, o centro deixou de ser atraente para a população em situação de rua e para a prática de pequenos delitos”, explica.



ASSOCIAÇÃO ESTIMULA CONVÍVIO NO ESPAÇO PÚBLICO

Ramon Dias Folego, presidente da Associação Alto da Palhano (AAP), é um jovem síndico profissional que lidera um projeto de segurança comunitária que pode se tornar modelo para outras regiões da cidade.

É o “Área Segura”, uma rede de 80 câmeras de monitoramento espalhadas em 34 pontos diferentes nos arredores de 20 condomínios verticais que ficam nas quadras à direita da pista que sobe a Avenida Ayrton Senna.

O sistema começou a operar no primeiro semestre de 2025 e praticamente zerou os casos de arrombamentos e furtos de veículos, delito que incomodou os moradores da região por algum tempo.

Começou a sair do papel no ano passado com o fim do impedimento legal do compartilhamento de imagens captadas pelo setor privado com o setor público. Por meio do Decreto Municipal 959/2024, a Guarda Municipal pôde agregar imagens dos sistemas privados de monitoramento à sua “muralla digital” e permitiu a realização de um sonho antigo dos associados.

As câmeras são todas em alta definição, com tecnologia que permite gravar colorido durante à noite. Uma pequena parte são capazes de reconhecer placas e um número maior delas permite reconhecimento facial. Toda a rede está integrada a um único software, com acesso liberado à Guarda Municipal, ao setor de inteligência da Polícia Militar, à Delegacia de Furtos e Roubos (Polícia Civil) e, mais recentemente, à CMTU. O custo mensal é rateado pelos condomínios monitorados.

O protocolo de solicitação das imagens é centralizado na associação, que exige Boletim de Ocorrência e um ofício assinado pelo síndico responsável pelo poste. A empresa que é parceira no investimento, a GPR Digital, providencia o corte da filmagem. Nenhum síndico tem acesso direto ao sistema, apenas a GPR e as forças de segurança, com logins individuais. “Qualquer imagem buscada gera uma marca d’água com identificação de quem a acesso, garantindo rastreabilidade e inibindo va-



Ramon Dias Folego

zamentos”, explica Ramon, que diz que se inspirou no modelo do Smart Sampa, o maior do gênero na América Latina e que pretende integrar 20 mil câmeras a uma única base de dados no município de São Paulo.

A previsão de Ramon e das empresas que atuam no setor é que outros bairros verticais, caso do Terra Bonita, próximo ao Shopping Catuaí, repliquem a experiência.

De todo modo, o líder da AAP ressalta um aspecto importante. Para ele, a convivência dos moradores em espaços públicos também é importante para criar um ambiente seguro nas ruas. A associação surgiu em 2012 para ajudar a cuidar da Praça Pé Vermelho, uma área concebida pela Construtora Plaenge para melhorar a qualidade de vida no bairro. Mais de uma década depois, são quatro praças mantidas pelos moradores através da AAP. A Praça dos Pioneiros, ao lado de uma mata nativa, recebe nas tardes e noites de sábado uma feirinha disputada, também organizada pela associação. Tem ainda a Praça PET, na mesma região, e o Pomar da Gleba, um terreno próximo ao Aurora Shopping que vai receber investimentos de uma empresa para ganhar paisagismo e iluminação especial.

LONDRINA ACELERA E VIRA REFERÊNCIA NACIONAL EM INOVAÇÃO

Proposta de planejamento iniciado no Fórum Desenvolve resultou em um ecossistema com 250 startups, dezenas de ambientes de inovação e políticas públicas que atraem atenção de todo o país

A proposta de planejamento estratégico que nasceu no Fórum Desenvolve Londrina deu frutos que surpreendem até os mais otimistas quando o assunto é inovação. Em poucos anos, a cidade deu um salto expressivo, tanto em quantidade quanto em qualidade. Hoje, Londrina reúne cerca de 250 startups e 55 ambientes de inovação, que vão de pré-incubadoras e incubadoras a aceleradoras, parques tecnológicos e espaços makers. Esse ecossistema se organiza em governanças, todas articuladas pelo Instituto Estação 43.

A transformação não veio sozinha. Foi acompanhada por políticas públicas modernas que colocaram Londrina no mapa das cidades mais inovadoras do país. A Lei de Inovação, o ISS Tecnológico e o Sandbox regulatório abriram caminho para que ideias fossem testadas e virassem negócios. O resultado chamou atenção: mais de 30 comitivas de diferentes regiões do Brasil vieram conhecer de perto como a cidade conseguiu avançar tão rápido.

“Isso só foi possível pelo capital social mobilizado, pela união das entidades em torno do Fórum Desenvolve Londrina, que foi o ponto de partida”, lembra o consultor do Sebrae Paraná Heverson Feliciano, um dos membros fundadores do Fórum. Ele recorda que a inovação sempre esteve na pauta do grupo. Em 2016, por exemplo, o tema Cidades Inteligentes ganhou espaço. “Naquele ano começamos a discutir cidades inteligentes e vimos a necessidade de planejar o ecossistema de inovação, porque havia boas iniciativas, mas dispersas”, conta.

O passo seguinte foi encomendar um estudo à Fundação Certi, que definiu cinco setores prioritários: Agronegócio; Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC); Saúde; Eletrometalmecânico; e Químico



Heverson Feliciano

e Materiais. Mas a cidade não ficou restrita a esses campos. Hoje, o Estação 43 abriga 12 governanças, mostrando a diversidade da inovação londrinense.

“Indiscutivelmente, a grande entrega do Fórum foi a proposta do planejamento estratégico do ecossistema de inovação, incorporada por diversas entidades locais, que viabilizaram e participaram do processo, mas ele continua gerando resultados importantes. Inovação existe para resolver problemas relevantes da sociedade, e o Fórum publica estudos que servem de base para buscarmos soluções que impactem de fato a cidade”, avalia Ana Paula Murakawa, da Descola Startup School, vencedora da categoria de Inovação e Tecnologia do prêmio estadual de Empreendedorismo Feminino do Sebrae.

“Isso só foi possível pelo capital social mobilizado, **pela união das entidades em torno do Fórum Desenvolve Londrina, que foi o ponto de partida.**”

Heverson Feliciano

“Sem o Fórum, o ecossistema de inovação não teria uma visão integrada. **A entidade antecipou e ampliou a discussão, trazendo um olhar para o todo, e não apenas para cada setor isolado.**” Lúcio Kamiji



Lúcio Kamiji

Para Lúcio Kamiji, presidente do Instituto Estação 43, o Fórum foi fundamental para dar unidade ao processo. “Sem ele, o ecossistema não teria uma visão integrada. O Fórum antecipou e ampliou a discussão, trazendo um olhar para o todo, e não apenas para cada setor isolado.”

Roberto Moreira, presidente da Companhia de Tecnologia e Desenvolvimento (CTD), cita como exemplo o Tecnocentro, inaugurado pela Prefeitura em 2022, como o atendimento de uma demanda feita pelo Fórum Desenvolve. “As entidades perceberam a necessidade de um espaço físico que reunisse iniciativas. Foi então que se mobilizaram para concluir a obra de um prédio abandonado, transformado em símbolo da inovação londrinense.”



Roberto Moreira

Os desafios do ecossistema

Depois de anos de crescimento acelerado, o desafio agora é consolidar o que já foi construído. Para Feliciano, o ponto central é garantir a sustentabilidade dos ambientes de inovação. “Temos vários espaços, mas precisamos olhar para o fortalecimento e a manutenção deles”, diz.

A captação de recursos também preocupa. Embora existam muitos editais de pesquisa e desenvolvimento, nem todas as empresas e instituições estão preparadas para acessá-los. “Muitas acabam usando recursos próprios, quando poderiam recorrer a esses editais”, alerta.

Kamiji acrescenta que é preciso conciliar a visão setorial de cada governança com uma perspectiva mais ampla, como a praticada na Estação 43. Ele destaca ainda a importância de iniciativas do governo estadual, como os Núcleos de Arranjos Produtivos de Pesquisa e Inovação (NAPIS) e a Agência de Inovação das Universidades Estaduais do Paraná (Ageuni). “É preciso alinhar a produção científica às demandas externas e reais da sociedade”, defende.

Murakawa concorda que Londrina está na vanguarda da inovação, mas aponta lacunas. “Quando fazemos benchmarking, vemos que muitas iniciativas locais estão no mesmo nível das melhores do país, ou até a frente. Mas ainda falta, por exemplo, a criação de um fundo de apoio às startups. Também precisamos avançar em áreas como a das startups sociais, ainda pouco contempladas.”

“As entidades perceberam a necessidade de um espaço físico que reunisse iniciativas. Foi então que se **mobilizaram para concluir a obra do Tecnocentro.**” Roberto Moreira

Londrina em 2034

Olhando para os próximos dez anos, a expectativa é que Londrina se consolide como referência em inovação, qualidade de vida e inteligência artificial.

Murakawa projeta uma cidade cada vez mais humana. “Eu vejo Londrina, olhando para o nosso DNA e para o que nos destaca, como uma cidade cada vez melhor para se viver. Enxergo a cidade muito próxima do conceito de Sociedade 5.0 do Japão, em que a tecnologia existe, mas o ser humano está no centro.”

Kamiji aposta na inteligência artificial como diferencial. “Temos o Hub de IA do Senai e o Centro de Inteligência Artificial no Agro (Ciagro) da UEL. O governo do Estado está trazendo supercomputadores para a UEL e para o Instituto de Desenvolvimento Rural (IDR-PR), que também terá um parque tecnológico voltado ao agro e à biotecnologia. O desafio será reter os talentos formados, como os novos profissionais do curso de Ciência de Dados e IA da UEL.”

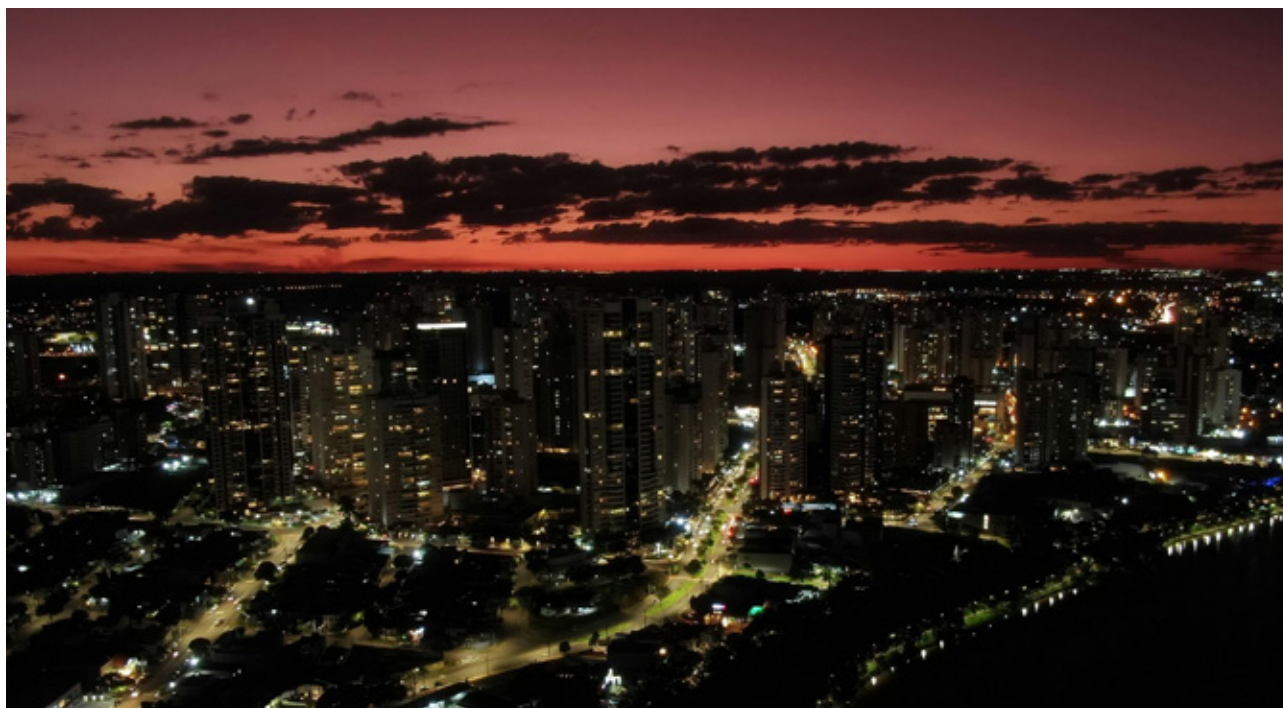
Moreira vê Londrina como polo de inteligência artificial e de atração de investimentos. “A cidade tem ativos importantes que, bem utilizados, podem nos levar a esse patamar. Além do Hub do Senai e do Ciagro da UEL, há iniciativas do governo e do Estação 43 que ampliam nossa capacidade de captar recursos nacionais.”

“Eu vejo Londrina, olhando para o nosso DNA e para o que nos destaca, como **uma cidade cada vez melhor para se viver.** Ana Paula Murakawa”



Ana Paula Murakawa

Heverson Feliciano vai ainda mais longe. “Daqui a dez anos, se fizermos o dever de casa, Londrina poderá ser um dos melhores lugares do mundo para viver e empreender. Temos capital humano qualificado, ambientes de inovação estruturados e ativos em inteligência artificial. O desafio é incluir pessoas hoje à margem e enfrentar problemas sociais, consolidando a visão de futuro traçada lá em 2005.”



Rodolfo Galon

DA FEIRA DE CIÊNCIAS AO MERCADO INTERNACIONAL

Aos 25 anos, João Américo transformou pesquisa escolar em tecnologia agrícola e quer retribuir ao ecossistema de inovação tudo que aprendeu

João Américo Macori Barboza se sente “cria” do ecossistema de inovação de Londrina. Sua trajetória como empreendedor começou cedo, ainda no ensino fundamental. Fundador da DIOXD, startup dedicada ao tratamento de sementes com CO₂, ele transformou uma pesquisa escolar em um negócio inovador.

“Começamos de um projeto de pesquisa no Colégio Londrinense, em 2013.” Tratava-se de um trabalho para a disciplina de iniciação científica do 8º ano. “Eu conduzi essa pesquisa até o meu primeiro ano da faculdade, quando estava com 17 para 18 anos.”

A ideia inicial era criar um catalisador para reduzir emissões industriais. O projeto não avançou, mas a busca por alternativas levou Barboza a explorar o uso do CO₂ na agricultura. Após testes no solo, encontrou na aplicação do gás em sementes a solução mais viável.

A virada para o empreendedorismo veio em 2018, quando apresentou sua pesquisa no Hackathon Agritech da ExpoLondrina. Premiado, ganhou acesso a programas de validação no Iapar (atual IDR-Paraná) e na Cooperativa Integrada. “Foi aí que começou minha transição de pesquisador para empreendedor”, conta.

O passo seguinte foi a aceleração da startup pela GO SRP e, em 2019, a mudança para Luís Eduardo Magalhães (BA), onde participou de outro programa e abriu a primeira rodada de investimentos. Entre 2020 e 2021, a DIOXD captou mais de R\$ 1,3 milhão com dois fundos. “Com esse aporte, estruturamos a expansão da empresa e iniciamos o processo de patenteamento, inclusive internacional”, explica.

Hoje, a DIOXD atende mais de 200 produtores em dez estados brasileiros, somando cerca de 1 milhão de hectares em carteira. A tecnologia, antes restrita à soja, já alcança também feijão e milho, com testes em trigo e algodão. “Estamos construindo relações para expandir a operação para os Estados Unidos, por meio de uma parceria com uma empresa já consolidada por lá”, adianta.

De volta a Londrina em 2023, Barboza concluiu o curso de Administração para se dedicar à gestão da startup, da qual tem como sócios o pai e a mãe. Para o empresário, o ecossistema de Londrina foi decisivo em sua trajetória. “Aprendi desde montar um pitch até estruturar rodada de investimento. Esse suporte fez diferença numa jornada que costuma ser solitária.”

Ele agora vive uma fase de retribuição ao ecossistema. Atualmente atua na Agro Valley, governança do agro de Londrina, e também na rede de inovação RedFoot. Seu foco é estimular novas startups, incentivar empreendedores a não desistirem e fortalecer a comunidade de inovação local.



João Américo Macori Barboza

APÓS AMPLIAÇÃO E ENCAMINHAMENTO DO ILS, MOBILIZAÇÃO DEVE MIRAR NOVA PISTA DE TÁXI NO AEROPORTO

No caderno de estudos lançado em 2008, denominado “Desenvolvimento Empresarial - Oportunidades para Todos”, a melhoria da infraestrutura logística era apontada como uma das propostas do Fórum Desenvolve Londrina

Nesse cenário, entre as soluções indicadas para melhorar o ambiente de negócios da cidade, estava a expansão do aeroporto e a instalação de um equipamento de pouso por instrumento (o ILS, tecnologia que reduz o número de voos deslocados para outros município em decorrência do mau tempo na cidade). “Naquele momento, a gente via a necessidade de melhorar a estrutura do aeroporto e capacitá-lo também para o transporte de cargas”, lembra José Nicolás Mejía, líder do Grupo Folha de Londrina, presidente do Fórum na gestão 2024/2025.

O tempo passou, a articulação foi premiada com conquistas importantes, enquanto outros pleitos foram arquivados após o amadurecimento do debate. E também novas demandas surgiram. O Aeroporto José Richa deve seguir na mira do trabalho de articulação técnica e política construída pelo colégio de líde-

“*Não há como negar que **as condições do aeroporto estão melhorando muito** após a concessão.* José Nicolás Mejía”

res junto às autoridades, contudo, envolvendo novos personagens e novos argumentos.

No período, a Infraero, companhia ligada ao governo federal que administrava o complexo aeroportuário, saiu de cena e deu lugar a uma concessionária especializada, chamada agora de Motiva, com contrato de gestão firmado até 2051.

Desde 2022, o grupo privado já investiu cerca de R\$200 milhões. A área do terminal foi ampliada em 40%, alcançando 11 mil metros quadrados, com um prédio anexo que abriga nova sala de embarque e novas pontes de embarque. O pátio de aeronaves foi ampliado para seis posições simultâneas e a pista alongada em mais 150 metros.

Uma “cereja do bolo” deve coroar a nova fase do José Richa em dezembro, prazo que o governo federal e a Prefeitura colocaram como meta para o início da operação do tão aguardado ILS, embora a concessionária contra o tempo para finalizar um novo pacote de adequações exigidas de última hora. “Não há como negar que as condições do aeroporto estão melhorando muito após a concessão”, avalia Mejía.



José Nicolás Mejía

André Silvestre, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Tecnologia e Urbanismo (CTU) da Universidade Estadual de Londrina, especialista em projetos aeroportuários, concorda e diz que “até aqui tudo foi rigorosamente cumprido”, com destaque para a instalação do ALS, conjunto de luzes na cabeceira da pista que serve como referência para direção, distância e trajetória em pousos e decolagens, mas lembra que há um longo caminho para o aeroporto ter de volta a pista de táxi (ou taxiway), um item de segurança considerado “fundamental” para o futuro do complexo.



André Silvestre

Os taxiways são as vias de ligação que integram a pista principal aos pátios onde os aviões permanecem em solo. Quando as obras começaram pela Motiva, a pista antiga foi “descomissionada” para a instalação do ILS porque não atendia às normas internacionais, que exigem uma distância mínima de 158 metros do eixo da pista principal. Em Londrina, a distância era de apenas 10 metros. “De certa forma, a Prefeitura poderia ter trabalhado para exigir esta obra nas obrigações do contrato de concessão. E agora Londrina vai ter que brigar para que se quebre o protocolo e que a obra seja feita pelo governo federal, que já havia prometido esta intervenção, prevista no Plano Diretor do aeroporto em 2010. A Infraero saiu, deixou este passivo e agora o governo vai ter que investir dentro de uma estrutura já concedida e isso só irá acontecer através de muita negociação política”, conta Silvestre.

A ausência do taxiway impede ou restringe a mobilidade dos aviões no solo e afetam a segurança. Sem esta via, os aviões usam muito mais tempo a pista nos pousos e nas decolagens, o que também provoca

“A Infraero saiu, deixou este passivo e agora **o governo vai ter que investir dentro de uma estrutura já concedida** e isso só irá acontecer através de muita negociação política. André Silvestre”

um desgaste maior do piso. A lentidão no movimento da pista também pode “segurar” aviões que estão no ar, o que provoca maior consumo de combustível e piora a margem de lucro do destino.

A ideia do uso do Terminal de Cargas Aéreas (Teca) para alavancar o comércio exterior na região depende de um incremento da infraestrutura logística, na visão de Mejía. Para ele, esta demanda depende do incremento da infraestrutura logística do entorno do aeroporto, que pode ganhar impulso com a construção do Contorno Leste, em um traçado paralelo ao Rio Tibagi. “Por enquanto, de acordo com um levantamento com as próprias empresas, o fluxo preferencial continuará por Campinas e Guarulhos”, lamenta. A concessionária desabilitou o desembarque alfandegário em 2023, após anos consecutivos de baixíssimo volume movimentado. Na ocasião, a Motiva informou que a decisão não era “irreversível”, mas descartou o retorno a médio prazo.

O contador e economista Rubens Bento é um dos símbolos desta luta permanente da cidade para ter um aeroporto mais amplo, confortável e bem equipado. Respeitado técnico da Codel, ele começou um trabalho de “formiguinha” quase três décadas com exaustivas rodadas de negociação entre proprietários, Prefeitura e Justiça Federal para regularizar a doação das áreas adjacentes ao aeroporto para a União.



Rubens Bento

O experiente servidor público, com a mesma paciência e cuidado que marcou o cumprimento da tarefa tão essencial para a modernização do aeroporto, mostra com orgulho um enorme mapa com centenas de lotes que cercavam a pista, muitos deles com construções que foram demolidas. Um processo de desapropriação em massa que enfrentou percalços, como a falta de recursos, mas que avançou vitorioso mesmo diante de muitas desconfianças.

No total, as desapropriações resultaram na transferência de propriedade de mais de um milhão de metros quadrados. “Ainda faltam cerca de 370 mil metros quadrados para completar a regularização do sítio aeroportuário. As desapropriações destas aéreas já foram feitas, a lei autorizando a doação já foi aprovada pelos vereadores e sancionada pelo Executivo”, resume. “Com o decreto que vai oficializar a transferência, vamos concluir este longo processo e ter a área suficiente para aumentar a faixa de segurança, para alongar a pista de pouso em 600 metros, para implantar a nova pista de táxi e instalar todos os equipamentos de proteção de voo”, enumera.

Assim, como outras personagens desta história em busca de um final feliz, Bento lamenta o fato de que a aviação regional viva uma crise no País e que o José Richa enfrente uma escassez de voo sem precedentes num terminal que em 1962 chegou a ser o terceiro mais movimentado do País.

De acordo com a Comissão de Desenvolvimento e Infraestrutura da Região de Londrina, um levan-

“ Com o decreto que vai oficializar a transferência, **vamos concluir este longo processo e ter a área suficiente para aumentar a faixa de segurança.** ”

Rubens Bento

tamento feito a partir da base de dados da Agência Nacional de Aviação Civil, usando como recorte o primeiro semestre de cada ano, entre 2017 e 2025 houve uma redução de cerca de 19% no número de voos regulares. Em 2019, Londrina chegou a ter 14 voos diários em média. Em 2025, a média diária ficou em 9, com a expectativa de redução para 8 no segundo semestre. Com isso, a cidade terá apenas um voo diário direto para Curitiba.

Enquanto a aviação comercial do País comemorou o recorde histórico de passageiros transportados no primeiro semestre de 2025, com uma soma de 62 milhões de pessoas embarcadas em voos domésticos e internacionais, Londrina tem o desafio de frear uma tendência de ter um pedaço cada vez menor deste bolo. No quadriênio 2012-2015, o aeroporto rompeu o patamar de um milhão de passageiros em todos os anos, o que se repetiu em 2019, ano anterior à pandemia, quando o movimento registrado foi de 1.048.741 embarques e desembarques. Em 2024, este número ficou abaixo dos 800 mil.



CASAL DE USUÁRIOS APROVA EVOLUÇÃO, MAS DEFENDE MAIS MELHORIAS

O casal Patricia Hermely e Marcos Almeida são usuários do aeroporto desde que se mudaram do Rio de Janeiro para Londrina há 28 anos. Ela é proprietária de uma agência de publicidade, ele é teólogo.

Patricia lembra que neste período, que coincide com o período em que o assunto foi amplamente debatido no Fórum, o aeroporto “que era bem pequenininho”, “ganhou corpo”, melhorou a sinalização interna e com mais assentos para os usuários. “Mas ainda acho o número de voos muito baixo. Tive uma experiência recente na qual fiquei um dia inteiro em Guarulhos aguardando voo. Cheguei lá depois das 8 horas e o próximo vôo era apenas no fim da tarde. Isso é um problema”.

A publicitária acredita que a instalação do ILS, com inauguração prevista para dezembro, vai evitar muitos transtornos, principalmente para quem se desloca para trabalhar e tem a necessidade de fazer uma viagem rápida. “Voo adiado ou cancelado por causa de chuva, de névoa, pode comprometer coisas importantes da vida profissional”.

Marcos conta que a mãe foi funcionária da Varig por 30 anos e que quando se mudou para Londrina usava muitos os voos da Rio Sul, que era a companhia de voos regionais do grupo, extinto em 2006. “Naque-la época havia uma variedade de voos muito maior do que hoje por causa das companhias regionais. Havia também conexões diretas com mais destinos. “Mas, sim, houve um desenvolvimento muito significativo, muito interessante ao longo desse tempo. Recentemente fizeram essa ampliação, agora com embarque pelo finger. Minha mãe tem 80 anos e o fato de você ter uma escada rolante, poder caminhar sem nenhum obstáculo até a nova sala de embarque e embarcar pelo finger é um grande ganho e equipara Londrina aos aeroportos mais modernos”.

Patrícia reclama que a nova estrutura ficou muito distante da principal e diz que o projeto poderia ter encurtado o trajeto ou dotado o corredor de uma esteira rolante. Marcos lembra que “aeroporto” não é só o terminal e se queixa das vias de acesso acanhadas, principalmente a área de embarque e desembarque. “É muito apertada e dificulta um pouco a acessibilidade em momentos de pico. E rotas alternativas também deveriam ser pensadas para evitar os engarrafamentos frequentes da Santos Dumont, o que deixa a experiência um pouco mais tensa”. O teólogo também lembra que as opções para alimentação “melhorou muito, mas ainda são poucas”.

Para ele, “não precisa inventar a roda, basta aprender com as experiências de outros aeroportos, algumas bem simples e baratas, outras mais tecnológicas, que a concessionária pode trazer para cá ao longo dos próximos 30 anos”. Marcos acredita que a cidade tem que manter uma interação permanente com a Motiva e cobrar mais qualidade Na operação. “A questão do aeroporto é muito estratégica. E a evolução constante desta estrutura é muito importante para a cidade”, conclui.



Patricia Hermely e Marcos Almeida

ECONOMIA CRIATIVA GANHA ESPAÇO EM LONDRINA

Setor movimenta milhões de reais, mas ainda carece de infraestrutura e investimentos

Quando o Fórum Desenvolve Londrina estudou a economia criativa, em 2017, o diagnóstico trouxe uma série de entraves para o setor: falta de integração entre as atividades, escassez de espaços culturais, dependência de recursos públicos, ausência de um festival âncora e dificuldades em reter talentos. Sete anos depois, representantes da área reconhecem avanços importantes, mas destacam que ainda há muito a construir.

“Quando você roda qualquer produção da economia criativa, **envolve uma cadeia que se retroalimenta.**”

Luciano Paschoal

Para Caio Júlio Cesaro, sócio fundador da Edu Criativa e ex-secretário de Cultura do município, o próprio entendimento de economia criativa precisa ser ampliado no Brasil. “Quando se fala em economia criativa, a gente pensa sempre em arte. Mas ela é muito mais que isso.” Segundo ele, são cerca de 15 segmentos diferentes, que incluem não apenas as artes, mas também tecnologia da informação, gastronomia, design, artesanato, arquitetura, moda e biotecnologia, entre outros.

De acordo com a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), a economia criativa reúne atividades que têm como base o capital intelectual, a criatividade, a cultura e a inovação.

Um estudo do Sebrae, divulgado em junho deste ano, mostrou que 19 mil empresas de Londrina — cerca de 20% dos estabelecimentos ativos na cidade — estão ligadas à economia criativa.

“Quando se fala em economia criativa, a gente pensa sempre em arte. **Mas ela é muito mais que isso.**”

Caio Júlio Cesaro

O peso do audiovisual

Um dos setores de maior destaque é o audiovisual, que, segundo o Sebrae, reúne mais de 2 mil profissionais — entre atores, produtores, técnicos de som e imagem, coloristas e editores — além de 79 produtoras cadastradas na Agência Nacional do Cinema (Ancine).

O diretor da Vertigo Filmes, jornalista Luciano Pascoal, conhece bem o peso econômico dessa atividade. “Quando você roda qualquer produção da economia criativa, envolve gastronomia e hospedagem, porque as pessoas precisam se alimentar e dormir. Seja um filme, uma feira ou um congresso, sempre tem verba destinada para restaurantes e hotéis. É uma cadeia que se retroalimenta”, explica.

Os números confirmam o impacto. Só em 2024, editais movimentaram R\$ 24 milhões no setor em Londrina. “Somente a Condessa Filmes, da jornalista londrinense Alessandra Pajolla, recebeu R\$ 6,3 milhões para dois projetos por meio da Lei Paulo Gustavo”, destaca Pascoal.

A produtora filmou na cidade, entre maio e julho deste ano, a série Na Batalha, que retrata o universo hip hop. O trabalho envolveu uma equipe técnica de 150 profissionais, 55 atores e 700 figurantes. Com seis episódios de 40 minutos, a série está em fase de pós-produção e ainda não tem data de estreia. Já o longa-metragem O Silêncio das Flores será rodado em Londrina no próximo ano.



Luciano Paschoal, Caio Júlio Cesaro e Leandro Henrique Magalhães

A Kinopus também tem uma carteira de projetos em andamento, lembra o empresário Caio Júlio Cesaro. Entre eles estão o longa Quase Inverno, a ser concluído ainda neste ano, e a série infantil Turma da Ala 23, que será exibida na TV Cultura. A empresa também desenvolve a animação Cada Conto Vale um Ponto, igualmente destinada à emissora paulista.

No Quase Inverno, foram investidos R\$ 1,25 milhão via Fundo Setorial do Audiovisual. Já em Turma da Ala 23, que será filmada entre setembro e dezembro em Londrina, o orçamento chega a R\$ 2,5 milhões, também do Fundo Setorial do Audiovisual da Ancine, com licenciamento para a TV Rá Tim Bum (canal a cabo) e para a TV Cultura (aberta).

Recursos e infraestrutura

Se de um lado o setor se organizou, do outro ainda sofre com a falta de recursos. “Quando o Promic (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) foi criado, há 20 anos, ele representava quase 3% do orçamento da Prefeitura. Hoje, caiu para 0,4%”, critica Cesaro. “O Promic só atende pessoas físicas e CNPJ sem fins lucrativos. Seria importante os empresários da cultura se mobilizarem para ampliar os recursos locais de modo que eles também possam inscrever projetos.”

“

*O trabalho do **Fórum Desenvolve Londrina** foi decisivo para a criação da **Governança do Audiovisual e Economia Criativa**, que cumpre o papel de integrar as atividades locais do setor.* Leandro Henrique Magalhães

”

É consenso que Londrina também precisa melhorar a infraestrutura para a economia criativa. “A cidade precisa urgentemente de um centro de convenções”, afirma o professor Leandro Henrique Magalhães, coordenador de Iniciação a Pesquisa e Extensão da UniFil. “Recentemente estive em Blumenau e Maringá, que possuem estruturas fantásticas para grandes eventos, o que nos falta em Londrina. Perdi recentemente a chance de trazer para cá um congresso nacional de educação a distância justamente pela falta de espaço adequado.”

Apesar disso, ele reconhece avanços. “As Vilas Culturais e a descentralização da cultura que elas promovem trouxeram vitalidade para a cidade. Mas ainda precisamos de um teatro municipal e da reabertura do Teatro Zaqueu de Melo.”

Magalhães esteve à frente das discussões do Fórum Desenvolve Londrina em 2017. Ele lembra que, até então, a cidade sequer dispunha de indicadores de cultura. “O Fórum escolhe os temas a partir de um indicador. Insistimos até conseguir esses dados junto com a Secretaria de Cultura. Isso foi determinante para pautar o estudo”, explica. Para ele, o trabalho foi decisivo para a criação da Governança do Audiovisual e Economia Criativa de Londrina (Lavi), que cumpre o papel de integrar as atividades locais da economia criativa.

Em novembro, o Lavi realiza a segunda edição do Congresso E-Cria, que desta vez terá como tema a Inteligência Artificial (IA). “A IA traz mais oportunidades que riscos para o setor. É ferramenta para escrever projetos, criar efeitos especiais e até gamificar a educação. Mas não substitui atores, diretores e roteiristas”, pondera Pascoal.

Perspectivas

Luciano Pascoal é otimista quanto ao futuro do setor. “Tudo é fruto de muito trabalho, e independentemente de quem está no governo, nós continuamos. Eu sou superotimista: acho que só vai melhorar”, afirma. Para Cesaro, o desafio é convencer a sociedade de que a economia criativa é estratégica. “Ainda estamos na fase de mostrar às lideranças que isso é desenvolvimento. Não existe cidade inteligente sem antes ser uma cidade criativa. As principais cidades do mundo incluem a economia criativa em seu eixo estratégico de desenvolvimento.”



ZERO VEIO PARA LONDRINA TRABALHAR COM AUDIOVISUAL

Profissional se consolidou na cidade a partir dos editais culturais e da integração ao setor criativo local

Há quatro anos, o fotógrafo e cineasta José Roberto de Oliveira, o Zero, 47 anos, deixou Junqueirópolis, no interior de São Paulo, para viver em Londrina. A mudança teve dois motivos: a relação com a atual esposa, formada em música, e a perspectiva de ampliar horizontes profissionais. Atualmente, ele é um dos cerca de 2 mil profissionais que hoje vivem de audiovisual na cidade. “Minha mulher já conhecia as pessoas do cinema daqui e foi quem me apresentou ao Caio Cesaro, ao Guilherme Peraro e ao Luciano Pascoal. Isso abriu portas e me inseriu no cenário do audiovisual londrinense”, recorda.

A trajetória dele começou em 2008, filmando eventos e fotografando. Depois veio a faculdade de Artes, em Dracena, que reforçou o caminho para trabalhos autorais. Em Londrina, mergulhou de vez no audiovisual, com documentários institucionais e projetos artísticos.

O primeiro grande passo local veio em 2023, quando aprovou o videoclipe de Marquinhos Diet pela Lei Paulo Gustavo. “Eu já trabalhava com editais, mas foi depois de uma palestra do Valdir Grandini, sobre escrita de projetos, que minha cabeça abriu. Apreendi muito e consegui aprovar esse trabalho. No mesmo ano, emendei outros projetos em Londrina e até em cidades vizinhas”, conta.

De lá para cá, Zero não parou. Só em 2024 esteve envolvido em cerca de dez produções diferentes, atuando em direção, direção de fotografia, edição e finalização. “Eu sou autônomo e vivo só do audiovisual há bastante tempo. Hoje consigo ter uma renda razoável e tenho trabalho o ano inteiro”, afirma.



José Roberto de Oliveira, o Zero

Ele destaca que o setor movimenta uma cadeia ampla de profissionais, para além das câmeras. “O audiovisual envolve muitas funções complementares, que também estão dentro da economia criativa. Não é só quem dirige ou edita, mas técnicos de som, produtores, figurinistas, músicos, cenografistas e maquiadores”, explica.

Integrante da governança de economia criativa (Lavi), Zero vê nesse espaço um instrumento importante para fortalecer o setor. “Procuro estar em todas as reuniões, porque a governança é fundamental. Ela ajuda a definir pautas que chegam ao Conselho Municipal de Cultura e à Secretaria de Cultura”, afirma.

A experiência acumulada ao longo de 17 anos de carreira e a rede de contatos construída em Londrina garantem a ele confiança no futuro. “Aqui encontrei oportunidades de aprovar meus projetos e de trabalhar em produções de outras pessoas. Isso só reforça como a cidade tem espaço e potencial para a economia criativa.”

GRANDES OBRAS VIÁRIAS DEVEM SUSTENTAR DEMANDA POR NOVAS ÁREAS INDUSTRIAIS

A concessionária que vencer o leilão do Lote 4 do novo programa de concessões de rodovias do Paraná deverá construir na próxima década dois ramais que ligarão a PR-445 à BR-369. São 58 quilômetros de vias expressas que vão desafogar o tráfego de veículos pesados na área urbana de Londrina.

Os chamados contornos Leste e Norte se somarão à duplicação do trecho de 66 quilômetros da PR-445 entre o extremo sul da cidade até Mauá da Serra para formar um corredor logístico mais amplo, moderno e seguro quando comparado com o quadro de 2015, quando o Fórum Desenvolve Londrina publicou o estudo "Industrialização de Londrina".

Um dos pontos mencionados era a necessidade da criação de áreas estruturadas na cidade para agrupar atividades industriais. Entre as "proposições provocativas" daquele documento técnico, estavam o aperfeiçoamento da infraestrutura e logística, além da melhoria do ambiente de negócios, da política de incentivos em setores mais competitivos, da articulação política estimulada pela sociedade civil organizada para acessar financiamentos/benefícios fiscais e a criação de uma agência de desenvolvimento com gestão mista para a execução de uma política industrial.



Valter Orsi

“*Como é que você vai atrair uma indústria se não existe nem área disponível para ela se instalar?*
Felizmente, vamos ter um novo parque novo, mas atende apenas uma parte do problema. Ary Sudan”

Na ocasião, o Fórum Desenvolve Londrina enumerou 18 causas que restringiam a participação da indústria na matriz econômica. Com observações sobre a falta de um porto seco, de um gasoduto, de uma ferrovia moderna e de um terminal de cargas aeroportuário mais avançado, além da carência de um marco regulatório claro.

Dez anos depois, a pauta permanece quase a mesma, com uma diferença: o processo de modernização viária parece encaminhado, o que abre caminho para a estruturação de áreas capazes de receber grandes plantas industriais, praticamente inexistentes no município desde o fim do século passado.

“Como é que você vai atrair uma indústria se não existe nem área disponível para ela se instalar? É um obstáculo enorme. Felizmente, vamos ter um novo parque novo que deve ser entregue até o fim deste ano. É um grande avanço, mas atende apenas uma parte do problema. Porque são lotes pequenos. Provavelmente, serão ocupados por empresas locais que

vão se deslocar para lá”, prevê o líder empresarial Ary Sudan, um industrial que usa sua própria experiência para lembrar que uma “fábrica está sempre crescendo, precisando de mais espaço”.

O industrial Valter Orsi, coordenador do Conselho Regional da Fiep no Norte do Paraná, lembra que se um investidor procurar uma área de 100 mil metros quadrados no município para instalar uma fábrica “não vai encontrar”. “Sempre uma questão gritante porque Londrina fica espremida entre duas áreas industriais de Cambé e Ibiporã. Quando surge uma opção, ela é extremamente cara, o que dificultava a política de incentivo do município, porque os municípios vizinhos tinham opções muito mais viáveis. É por isso que ficamos tantos anos sem a entrega de um parque industrial estruturado, como teremos agora na zona norte”, analisa.

A nova Cidade Industrial de Londrina, empreendimento mencionado por Sudan e Orsi, deve começar a ser ocupada em 2026. Dos 52 lotes colocados em leilão, 47 foram arrematados. A nova área fica no prolongamento da Avenida Saul Elkind, uma área de 40 hectares distante 15 quilômetros a noroeste do Centro Histórico. A estrutura tem o formato de condomínio fechado, com acesso controlado. As obras estruturantes estão na reta final.

Para Orsi, Londrina precisa enfrentar um outro gargalo, que é a burocracia para liberar construções. Ele defende uma postura menos intervencionista da Prefeitura. “O moderno é deixar a empresa apresentar o projeto e, se for aprovado, ela passa a ser responsável por ele. Temos que acreditar que o regramento será respeitado, que o investidor conhece as leis municipais. O que acontece em Londrina é que a Prefeitura trava o processo tentando interferir na própria construção, o que provoca lentidão e desestimula o empresário. E nisso temos avançado muito pouco nos últimos anos”, argumenta.

“Com a oferta de terrenos maiores, **Londrina deve buscar investimentos em empresas-âncoras, com cadeia produtiva extensa, o que resulta na atração de outras empresas parceiras.**

Ricardo Cândido da Silva

“**O atual Plano Diretor é o primeiro que gera mais liberdade econômica.** Mais flexível, mais atrativo, com uma mensagem de que a cidade permite sim o desenvolvimento da indústria.

Valter Orsi

No entanto, Orsi lembra que a nova versão do Plano Diretor carrega um pouco da ideia que ele defende. “É o primeiro plano que gera mais liberdade econômica. Uma liberdade com responsabilidade. Mais flexível, mais atrativo, com uma mensagem de que a cidade permite sim o desenvolvimento da indústria”.

Estoque impede perdas

O presidente do Sindicato das Indústrias, Metalúrgicas, Mecânicas e de Materiais Elétricos do Norte do Paraná (Sindimetal Norte), Ricardo Cândido da Silva, sentiu na própria pele as dificuldades de se instalar uma indústria em Londrina. Ele era proprietário de uma empresa fornecedora da cadeia da Atlas Schindler, líder do segmento de transporte vertical do Brasil (produz elevadores, escadas e esteiras rolantes), que se transferiu de São Paulo para o Paraná acompanhando o movimento da multinacional, instalada na cidade desde 1998, na zona norte.



Ricardo Cândido da Silva

“À época, não conseguimos área na cidade e optamos por Assaí, que tinha uma gestão municipal com uma política de atrair empresas para lá. Mas alguns compromissos não foram cumpridos e um tempo depois conseguimos uma área e nos mudamos para Londrina, mas antes enfrentamos muitas dificuldades por causa do zoneamento”, relata o industrial.

“Conto isso para dizer que quando alguém precisa instalar uma fábrica na cidade não pode esperar um parque industrial ficar pronto. O município que quer atrair investimentos tem que se preparar e se estruturar, caso contrário vai perder muitas oportunidades. Acredito que o novo zoneamento do Plano Diretor seja um avanço neste sentido e a Cidade Industrial também, apesar de ter uma limitação de perfil por causa do tamanho dos lotes. Na minha opinião, com a oferta de terrenos maiores, Londrina deve buscar investimentos em empresas-âncoras, com cadeia produtiva extensa, o que resulta na atração de outras empresas parceiras”.

Necessidade permanente de fomento

O diretor de Desenvolvimento do Instituto de Desenvolvimento de Londrina (Codel), Atacy Melo Junior, acredita que o esforço de industrialização depende de um fomento permanente. “Uma indústria com uma cadeia de fornecedores grande atrai dinheiro externo e injeta ele na economia local. Mesmo se a participação industrial fosse maior em Londrina, hoje é 21% da riqueza do município, a estratégia também deveria ser assertiva porque este é um caminho profícuo: a remuneração é maior, os trabalhadores têm benefícios que melhoram o setor de serviços, o capital humano cresce, a arrecadação melhora, gera mais recursos livres para emplacar projetos estratégicos da Prefeitura”, explica.

“*Uma indústria com uma cadeia de fornecedores grande **atrai dinheiro externo e injeta ele na economia local.*** Atacy Melo Junior”

Atacy aponta dois desafios prioritários da gestão municipal. O primeiro é atrair investimentos privados em parques com lotes maiores, e o segundo é regularizar, asfaltar e melhorar a infraestrutura de áreas industriais antigas e subutilizadas. Duas experiências já estão em articulação e preparo, as transformações do Parque Industrial Buena Vista, na zona leste, próximo ao Ceasa, na margem da BR-369, e da Estância Industrial Dellaville, na mesma região da Cidade Industrial, perto do limite com Cambé, na zona noroeste.



Atacy Melo Junior

Segundo ele, novos loteamentos poderão ocupar áreas inteiras com a alteração do zoneamento, um contraponto à situação anterior quando 40% dos lotes eram reservados para moradias. “É um sinal que a mentalidade tem mudado ao longo destes 20 anos”, afirma. Atacy acredita que um novo ciclo de industrialização deve ocupar primeiro as áreas marginais da PR-445 e também da Rodovia Carlos João Strass, no sentido do Distrito da Warta.



PARA CEO DA J.MACEDO, OFERTA DE ÁREA ESTRUTURA FOI ‘DETERMINANTE’ PARA A ESCOLHA DE LONDRINA

Conhecido como Moinho Dona Benta, a imponente e icônica construção de concreto vista por quem trafega pela Avenida Tiradentes se conecta com a empresa destinada a ancorar a operação da nova Cidade Industrial de Londrina.

A gigante cearense J.Macêdo, fundada em 1939 e que completa em 2025 meio século de presença no município, está construindo uma segunda unidade que também deve marcar a paisagem quando estiver concluída, provavelmente em 2026.

O CEO da empresa, Irineu José Pedrollo, disse que a doação feita pela Prefeitura de uma parte grande da Cidade Industrial de Londrina para a empresa construir o complexo foi um “fator determinante” para a preferência pelo município. “Em 2013 começamos um estudo para definir onde seria nossa base de expansão no Sul/Sudeste e chegamos a conclusão que por ser um pólo geográfico, tecnológico, de mão-de-obra reunia uma série de condições favoráveis. Em 2019, o terreno foi doado e após os estudos, definimos pelo investimento e cinco anos depois começamos as obras”, conta.



Irineu José Pedrollo

“Será um moinho extremamente moderno, calçado no avanço tecnológico”, assegura. O terreno que vai abrigar o complexo tem 290 mil metros quadrados e tem espaço para o aumento gradual da operação, com início previsto para o primeiro semestre do ano que vem. O moinho estará estruturado para processar 220 mil toneladas de trigo por ano na primeira fase, com espaço suficiente para dobrar este volume. O complexo terá capacidade de armazenar 40 mil toneladas de trigo em grão. Nas próximas fases do investimento, a área vai ganhar um centro de distribuição e gradualmente vai se transformar numa unidade fabricante de massas, biscoitos e misturas para bolo.

“A disponibilidade de uma área industrial projetada para criar fluxos logísticos eficientes é fundamental para uma atividade como a nossa. A logística é absolutamente central. Sem dúvida a disponibilidade de uma área assim, com toda a infraestrutura de suporte, foi determinante porque outras cidades demonstraram interesse e sem este ativo a escolha poderia ser outra”.

Na opinião de Pedrollo, o estoque de áreas com rede elétrica adequada e licenciamentos ambientais bastante encaminhados seria um atrativo muito importante, combinado com a reconhecida oferta de mão-de-obra treinada, poderia atrair mais investimentos de porte para o município.

MASTERPLAN 2040 JÁ ENTREGA RESULTADOS

Das 79 ações previstas, 42 estão em andamento. O plano aponta caminhos para saúde, educação, inovação, mobilidade, sustentabilidade e fortalecimento econômico.

Há quem diga que o MasterPlan Londrina 2040 é a conquista mais importante do Fórum Desenvolve Londrina. Elaborado entre os anos de 2020 e 2021, ele consiste em 79 ações estratégicas para guiar o desenvolvimento da cidade nas próximas décadas, sendo que 42 delas já estão em andamento em diferentes fases. Algumas já foram concluídas, como a criação do Festival Internacional de Inovação (Fiil), a reforma e ampliação do aeroporto e a modernização de leis municipais visando à inovação.

O plano funciona como um grande guarda-chuva: engloba desde iniciativas mais pontuais, como o Fiil — mantido pela Estação 43 — até projetos de grande porte, como os parques lineares previstos para cinco bacias hidrográficas, com investimento que pode chegar a R\$ 1 bilhão.

O MasterPlan organiza a visão de futuro da cidade em seis grandes eixos que resumem as características da “Londrina que queremos”: inovadora e criativa; dinâmica e conectada; planejada e sustentável; saudável e pacífica; educadora e inclusiva; e protagonista e eficiente.

“É como se fossem pétalas que se abrem em diferentes camadas até chegar aos grupos de trabalho responsáveis por cada ação”, explica Diego Menão,



Diego Menão

“Meu papel é mapear os grupos, acompanhar o andamento das ações e manter uma visão geral, sempre em conjunto com a Prefeitura.” Diego Menão

executivo do plano. Segundo ele, certas iniciativas são chamadas de “frutas baixas”, mais simples e de rápida execução, enquanto outras, como os parques lineares e o eixo do centro histórico, exigem anos de trabalho e grandes investimentos.

Cada grande projeto se desdobra em vários, com grupos atuando em cada frente. “Meu papel é mapear esses grupos, acompanhar o andamento das ações e manter uma visão geral, sempre em conjunto com a Prefeitura, que é protagonista ou parceira da maioria delas.”

Menão lembra ainda que o plano prevê uma metodologia de revisão a cada cinco anos. “Estamos aguardando a finalização de um trâmite contratual entre a Prefeitura e o Sebrae, que é quem vai revisar o plano. Isso é essencial para evitar que o MasterPlan se torne obsoleto.”

Desafio da continuidade

Para o executivo, o desafio atual do MasterPlan não é estrutural, mas cultural. “Temos o instrumento e a governança. O ponto central agora é consolidar a consciência coletiva de que Londrina possui um planejamento de longo prazo. Essa percepção precisa chegar à população em geral e não ficar restrita apenas às instituições”, afirma.

Para isso, a Prefeitura deve tirar do papel em breve uma das 79 ações, a Place Branding. Será con-

tratada uma empresa para criar um grande plano de comunicação e marketing, visando não só popularizar o MasterPlan junto à população, mas também vender a imagem da cidade para fora.

Bússola da cidade

Menão afirma que o MasterPlan pautou as eleições municipais do ano passado. “Fizemos sabatinas com todos os candidatos a prefeito, tanto no primeiro quanto no segundo turno. Eu, particularmente, apresentei o MasterPlan diversas vezes às equipes dos candidatos. Depois da eleição do prefeito Tiago Amaral, participei da equipe de transição, sempre apresentando o plano como referência.”

Segundo o prefeito, o MasterPlan é a “bússola” da administração municipal e orienta tanto as atividades do dia a dia como a elaboração da Lei do Orçamento e do Plano Plurianual (PPA). “O nosso plano de governo é, em sua maior parte, baseado no MasterPlan. De certa forma, ele é o nosso guia, nossa bússola, uma cartilha que nos orienta”, disse.

Amaral reconhece que a execução do plano exige ajustes diante das limitações da máquina pública. “Os desafios da Prefeitura só são realmente conhecidos quando você está dentro dela: defasagem tecnológica, falta de pessoal. Por isso, é preciso adaptar, mas sem perder de vista os objetivos principais.”

“O nosso plano de governo é, em sua maior parte, baseado no MasterPlan.

De certa forma, ele é o nosso guia, nossa bússola, uma cartilha que nos orienta. Thiago Amaral

Entre as mudanças já em andamento, o prefeito cita a aposta na desburocratização. “Enviamos para a Câmara o projeto da Lei da Liberdade Econômica, que trata de forma ousada a redução de burocracias, inclusive com autodeclaração em projetos de obras e abertura de empresas.”

Para ele, a cidade está começando a entender a importância do planejamento. “É preciso que a sociedade também se aproprie disso. Muitas vezes, significa renunciar a algo imediato para garantir conquistas que só virão em cinco ou dez anos”, alega.



Prefeito Tiago Amaral

Guia do PPA

Segundo o atual secretário municipal de Recursos Humanos, Rodrigo Souza, a lei do novo Plano Plurianual (PPA) do Município, que está sendo elaborada e vai vigorar por quatro anos a partir de 2026, é baseada no MasterPlan. Ele recorda que o atual PPA foi aprovado em 2021, antes da finalização do plano, mas, mesmo assim, a administração do ex-prefeito Marcelo Belinati já incorporou à lei as diretrizes que estavam sendo definidas.

Souza conhece muito bem o MasterPlan porque esteve à frente de sua elaboração. “Quando a consultoria Macroplan venceu a licitação aberta pela Prefeitura para elaborar o plano, fui designado como gerente do projeto e acompanhei todo o processo em 2020 e 2021”, conta.

A licitação foi concluída em 2019, mas a pandemia adiou o início dos trabalhos. O projeto começou em setembro de 2020 e terminou em dezembro de 2021, em plena crise sanitária. “Foi um processo intenso, feito majoritariamente de forma virtual. Mais de mil pessoas participaram de reuniões, oficinas, grupos focais, entrevistas, enquetes e encontros com conselhos municipais e escolas”, conta Souza.

“Sem o Fórum, provavelmente o MasterPlan não existiria. Foi a partir de seus estudos anuais, especialmente o de Gestão Pública, que surgiu a ideia de estruturar esse plano estratégico para Londrina. Rodrigo Souza

Foram definidas a visão de futuro da cidade e a plenária do MasterPlan, composta por lideranças empresariais, universidades, entidades do setor produtivo, Fórum Desenvolve Londrina e órgãos públicos. “Sem o Fórum, provavelmente o plano não existiria. Foi a partir de seus estudos anuais, especialmente o de Gestão Pública, que surgiu a ideia de estruturar esse plano estratégico para Londrina”, afirma Souza.



Rodrigo Souza

Desafio da continuidade

O secretário acredita que a chave para a continuidade do plano está na sociedade. “A comunidade vai manter o MasterPlan vivo. Vai continuar se reunindo uma vez por mês para debater, avaliar o que está avançando, o que não está, o que precisa ser feito, o que não funciona e se há novidades a serem incluídas. Se a sociedade mantiver esse acompanhamento, naturalmente, a cada eleição cobrará que os candidatos se conectem ao plano de algum modo. Isso independente de estar ou não na legislação: se é do interesse da sociedade, os candidatos terão de abraçar.”

Ele reforça: “É possível incluir novas iniciativas ou priorizar algumas, mas qualquer proposta de governo sempre encontrará no MasterPlan alguma diretriz, visão de futuro ou iniciativa correspondente. Por isso, é melhor o candidato se alinhar a esse instrumento de longo prazo do que ignorá-lo — até porque, no fim, o plano de governo dele terá muito do que o MasterPlan já previa.”



Rodolfo Galon

RIZON CRESCE COM INCENTIVO DA CODEL

O empresário Wilson Alves da Silva conta que a mudança para o Parque Tecnológico Francisco Sciarra foi decisiva para ampliar as atividades da empresa.

A mudança para o Parque Tecnológico Francisco Sciarra foi fundamental para o crescimento da Rizon Indústria de Máquinas. “Participamos de um processo da Codel (Instituto de Desenvolvimento Econômico de Londrina) e ganhamos um terreno. Nossa contrapartida foi adotar uma praça por cinco anos. Escolhemos uma praça na Rua das Maritacas para cuidar, fazemos pintura, roçagem, jardinagem. Construímos a nova sede em pouco mais de um ano e já estamos instalados lá”, afirma o diretor da indústria Wilson Alves da Silva.



O incentivo a empresas inovadoras está entre os principais objetivos do MasterPlan. Silva conta que, antes da mudança para o Parque Tecnológico, a Rizon funcionava havia mais de 20 anos em um imóvel na zona sul de Londrina. “Cheguei a procurar terreno em Cambé, mas não encontrei incentivo. No Parque Tecnológico, tivemos condições de expandir.”

A empresa fabrica equipamentos CNC (Computer Numerical Control) — máquinas comandadas por computador, como lasers, plasmas, fresadoras, refiladoras e cortadoras. “Produzimos equipamentos de vários portes, desde os menores, que custam R\$ 5 mil, até grandes, que podem chegar a R\$ 400 mil. Já vendemos máquinas até para a Autolatina, em São Paulo”, explica.

Com a nova sede, a Rizon registrou crescimento imediato. “Aumentamos tanto a produção quanto o quadro de funcionários em cerca de 30 a 35%. Hoje empregamos 27 pessoas. Aqui temos mais espaço, ventilação e conforto para os trabalhadores. Estar em um parque tecnológico também é importante porque facilita o contato com outras empresas”, resalta Silva.



Wilson Alves da Silva

FÓRUM DESENVOLVE LONDRINA

**Um modelo de exercício de civismo que há 20 anos
contribui para uma Londrina melhor**



Claudio Tedeschi

Cidadão londrinense | Membro fundador do
Fórum Desenvolve Londrina

O Fórum Desenvolve Londrina é um palco de atores capazes de fazer a diferença em nossa comunidade. Bebendo da fonte do nosso mestre José Monir Nasser, “uma sociedade jamais será rica se antes não for inteligente”.

O Fórum necessita como matéria-prima uma elite de cidadãos da comunidade com rica formação intelectual, mas principalmente com uma vasta experiência de vida já percorrida, que reconhece a maravilha que é a complexidade e diversidade da vida humana.

Sempre buscando alargar o horizonte do conhecimento, não se limitando ao anel fechado em si mesmo, mas sempre a cruz aberta aos quatro cantos, mesmo com seus confrontos eminentes, mergulhando num dos maiores deleites desta vida que é o eterno buscar, o que sabemos infinito, para sempre concluir, como Sócrates: “Quanto mais eu sei, sei que nada sei”.

O Fórum tem como um dos seus maiores desafios plantar uma cultura de construção de projetos de estado e não só de governo, sendo que utiliza como principal ferramenta de sua metodologia o exercício do consenso, que é o exercício da verdadeira democracia e da cultura da paz.

O Fórum Desenvolve Londrina é a arena de quem quer transbordar a si mesmo para deixar um legado. Deixo então uma frase que o mestre Monir escreveu no verso dos nossos cartões de visita, a época da fundação do Fórum: “A essência do civismo é a consideração do coletivo no domínio do individual, e não a submissão do individual ao coletivo (que é o coletivismo). Por esta razão civismo só existe quando há absoluta liberdade de escolha”.

